

UNQUIET



A M A Z Ô N I A . B U T Ã O . M A L D I V A S . Q U Ê N I A

Ser 4x4 é fazer do final de cada jornada
o ponto de partida para a próxima.



Toda viagem consiste
em sair de um ponto A
para chegar em um ponto B.
É o caminho
que percorremos
que faz toda a diferença.
E, muitas vezes, é seguindo
na direção menos
óbvia que passamos
pelas experiências
mais inesquecíveis.

Por isso, ouça o chamado
do seu espírito 4x4:
busque um novo norte
a cada dia.
A bordo de uma nova lenda.



PERCEBA O RISCO, PROTEJA A VIDA.

PAJERO SPORT 4you4life

Instagram Facebook mitsubishimotorsbr

Instagram Facebook mundomit

pajerosport.com.br



Drive your Ambition

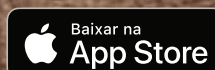
**C6 Bank: um
banco completo,
criado para
os nossos dias,
com tudo em
um só app.**

C6 CARBON

MASTERCARD® BLACK

- 2,5 pontos/dólar gasto
- 6 cartões adicionais sem custo
- RappiPrime: peça no Rappi sem se preocupar com frete

**Baixe o app e abra
sua conta em minutos.**



CONTA GLOBAL

Conta em dólar ou euro:
compras no exterior com
menos tarifas

INVESTIMENTOS

- Mais de 150 fundos de investimento
- Ações, BDRs e ETFs sem taxa de corretagem
- CDBs: a partir de 102% do CDI

C6BANK
é da sua vida



Integrantes de uma tribo nômade dançam nos arredores do resort Segera, no Quênia. A aventura começa na página 126

TUCA REINÉS

Sumário

018	360° – Um giro pelo planeta
028	Bagagem – Itens indispensáveis para sua viagem
034	Biblioteca – Em Londres, as livrarias mais descoladas e tradicionais da cidade
044	Brasil – O Cristalino Lodge pulsa no coração da Amazônia
058	Cultura – Butão: jornada à terra da felicidade
072	Arte – Os museus ao ar livre do Japão
088	Esporte – Maldivas: surfe numa das mais belas paisagens do planeta
100	Bem-estar – Austrália: um spa <i>down under</i>
108	Ensaio – O Brasil visto por Matheus Schapochnik
116	Gastronomia – Em Florença e Siena, o sabor da Toscana
126	Aventura – Segera, Quênia: o endereço da vida selvagem
136	Entrevista – Jochen Zeitz e a luta pela conservação africana
144	Crônica – Hermés Galvão: o mistério das ilhas Cíclades
146	Inspiradores – Pessoas que nos levam a viajar

“O que vale a pena na vida não é o ponto de partida
e sim a caminhada.”

- Cora Coralina

PATROCINADORES



C6BANK

MARCOS AMEND

UNQUIET

Movement is life

PUBLISHER

Corinna Sagesser

DIRETOR EDITORIAL

Fernando Paiva

DIRETOR EXECUTIVO

André Cheron

CONSULTOR

Erik Sadao

DIRETOR COMERCIAL

Ricardo Battistini

DIRETOR DE ARTE

Ken Tanaka

EDITOR DE ARTE

Raphael Alves

GERENTE DIGITAL

Carolina Sagesser Rodrigues

COORDENADORA DIGITAL

Patricia Poli

PROJETO GRÁFICO

Ken Tanaka e Raphael Alves

GERENTES DE CONTAS E NOVOS NEGÓCIOS

Marcia Gomes e Mirian Pujol

COLABORARAM NESTE NÚMERO

Texto: Adrian Kojin, Daniel Japiassu, Daniel Nunes Gonçalves, Hermés Galvão, Juliana Saad, Mari Campos, Waldick Jatobá, Walteson Sardenberg Sº e Zeca Camargo

Fotos: Matheus Schapochnik e Tuca Reínés

CAPA

Marcos Amend

CUSTOM EDITORA LTDA.

Av. Nove de Julho, 5.593, 9º andar – Jardim Paulista

São Paulo (SP) – CEP 01407-200

Tel. (11) 3708-9702

revistaunquiet@customeditora.com.br

revistaunquiet.com.br

@revistaunquiet

/revistaunquiet

revista unquiet

/revistaunquiet

@revistaunquiet

SELO
FSC



Editorial

Bem-vindos à UNQUIET!

Viajar é alimento para a minha alma. E faz com que eu me sinta viva.

A troca de experiências com outros povos que, generosos, permitem que conheçamos um pouco de suas culturas, sempre me emociona. Registrar novas paisagens ou reconhecer as que desenhei na mente, a partir de imagens vistas em livros e fotografias, apura meu olhar. É a busca por novos encontros e horizontes que me mantém em movimento. E, ao recordar os sabores e os sentimentos que descobri mundo afora, ou as histórias que ouvi nas muitas andanças que fiz, constato como as experiências verdadeiras foram capazes de me transformar.

O talismã que compartilho nesta página é um símbolo auspicioso para a busca de caminhos em todas as direções. Ele foi criado por uma amiga muito querida, dona também de uma inquieta alma de viajante.

Neste momento em que fomos forçados a parar e a repensar nossos sistemas e vidas, tenho uma certeza: são as viagens que trarão respostas para o autoconhecimento que vamos buscar daqui por diante.

É essa certeza que me encoraja a lançar a UNQUIET, uma publicação regida por Sagitário, o signo do eterno viajante, resultado da curadoria feita com dedicação por um time diverso e apaixonado.

Nesta primeira edição, mergulhamos na espiritualidade do Butão, um dos lugares mais felizes do mundo. E, sem conseguir decidir qual a melhor cozinha italiana, propusemos uma imersão na espetacular gastronomia da Toscana. Surfamos as ondas rápidas e perfeitas das ilhas Maldivas. Desbravamos um *lodge* quase secreto na savana do Quênia. Relaxamos com terapias holísticas nas montanhas da costa leste australiana. E enriquecemos nosso repertório cultural com alguns dos museus a céu aberto mais fantásticos do Japão.

Tudo isso compete em beleza e deleite com a Amazônia, destino perfeito para se interagir com a selva intocada. Uma jornada que ainda contribui para o desenvolvimento e a manutenção dos povos que mantêm viva a rica cultura brasileira.

Mantenha-se em movimento, *be* UNQUIET e boa leitura.



CORINNA SAGESSER

Unquiet apresenta:

Mais liberdade. Menos tarifas. Conheça a Conta Global do C6 Bank.

A **Conta Global** é nossa conta internacional em dólar ou euro. Com ela, você pode fazer compras no exterior com muito menos tarifas.



Muito menos tarifas que os cartões de crédito internacionais

USD Cotação em moeda comercial



Cartão de débito internacional Mastercard® para usar em lojas físicas e on-line



Saque em moeda local em mais de 2 milhões de caixas eletrônicos

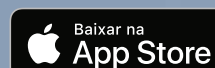


Câmbio 24h pelo app do C6 Bank



Integrada com a sua conta no Brasil

**Baixe o app e abra
sua conta em minutos.**



C6BANK
é da sua vida

Colaboradores



Claro que você conhece **Zeca Camargo** como VJ da antiga MTV e apresentador do eterno *Fantástico*, da Rede Globo. Mas, muito antes de se tornar um rosto popular na TV, este jornalista de primeira linha já era um viajante inveterado. Continua assim, como demonstra na deliciosa coluna que mantém na *Folha de S.Paulo*. Mudou apenas a qualidade da mochila. Neste número, ele dá dicas preciosas sobre os restaurantes de Florença e Siena.



Ela nasceu no Líbano. Mas passou a maior parte das primaveras no Canadá e no Brasil. Graduada em literatura e negócios, com especialização em marketing, **Juliana A. Saad** é jornalista bem conhecida de quem algum dia abriu uma publicação sobre viagens. *Globetrotter* assumidíssima, tem especial interesse por destinos fora dos circuitos convencionais. Tal como o pequeno reino do Butão, seu assunto na estreia de UNQUIET.



Em busca de ondas perfeitas, **Adrian Kojin** chegou a morar na Costa Rica. Jornalista há mais de três décadas, foi diretor da *Fluir*, a melhor revista brasileira sobre surfe. Nesta edição, Adrian conta sua viagem às ilhas Maldivas, no oceano Índico.



Sozinha mundo afora. Eis o título de um dos livros da paulista **Mari Campos**. Andarilha que gosta de escrever, colabora com veículos do Chile, México, Colômbia e até da China. E não se perturba em viajar sozinha. Curte do mesmo jeito.



Onde está neste momento o carioca **Hermés Galvão**? Difícil saber. Nos últimos três anos, ele vem morando em Portugal. Mas costuma viajar para Barcelona e Roma. Uma coisa é certa: seja lá onde estiver, será sempre um observador antenadíssimo.





Ter uma câmera sempre à mão ajuda muito. Mas é preciso mais do que isso para ser um ótimo fotógrafo de viagem. Como, por exemplo, o paulista **Matheus Schapochnik**. Ele consegue revisitar com olhos novos lugares exaustivamente explorados, como as cataratas do Iguaçu ou o morro Dois Irmãos visto da praia, no Rio de Janeiro. Para o ensaio desta edição, aliás, Matheus selecionou apenas cliques tirados no Brasil.



Desistir de uma bem-sucedida carreira no mercado financeiro para trabalhar com arte exige coragem. Pois **Waldick Jatobá** chutou para o alto seu invejável salário. Tornou-se um dos nomes mais respeitados na área de design. Criou o Mercado Arte Design (MADE), feira internacional do setor. É um dos responsáveis pela indústria brasileira ter parado de imitar móveis italianos para acolher ótimos criadores brasileiros.



Por onze anos **Walterson Sardenberg Sº**, o Berg, rodou o mundo. Foi editor da revista *Viagem e Turismo* e redator-chefe da *Próxima Viagem*. Aqui, ele fala das livrarias de Londres especializadas na sua paixão.



Daniel Nunes Gonçalves é autor de seis guias de viagem e oito livros sobre o assunto. Um especialista? Mais do que isso. Ele é professor do curso de jornalismo de viagem da faculdade Casper Líbero, em São Paulo. E escreve com maestria.



Pós-graduado em jornalismo econômico, **Daniel Japiassu** assina textos há 27 anos nos principais veículos do Brasil. Fanático por tecnologia, Japi foi escolhido como titular da seção Bagagem. Confira as novidades a partir da página 28.



4you4unquiets

Desbravar o terreno
mais difícil, vislumbrar
uma paisagem
pela primeira vez
ou encontrar um mundo novo,
dentro da sua própria cidade.

Novas descobertas
são o combustível
que mantém nosso espírito
4x4 sempre em movimento.

Por isso, não importa
o seu jeito de explorar
o mundo, a Mitsubishi
tem o 4x4 certo
para a sua aventura.



Pajero Sport
4you4life



L200 Triton Sport
4you4new generation



Outlander Sport
4you4style



PERCEBA O RISCO, PROTEJA A VIDA.

📱 [mitsubishimotorsbr](https://www.mitsubishimotorsbr.com)

📺 [mundomit](https://www.mundomit.com)

[mitsubishimotors.com.br](https://www.mitsubishimotors.com.br)



Drive your Ambition

360º

Um roteiro exclusivo com o que há de mais excitante em destinos, atividades e lançamentos em todas as latitudes do globo

POR FERNANDO PAIVA E
WALTERSON SARDENBERG S^o

DICAS



NORTH POLE IGLOOS

Se você é um viajante UNQUIET, vai sentir uma súbita vontade de fazer a mala – uma só e pequena, bem entendido. Que tal passar três dias no Polo Norte, como se fosse um urso? É o que propõe a Luxury Action, especializada em lugares muito frios, como a Finlândia. Mas desta vez até Janne Honkanen, o fundador da Luxury, reconhece que a proposta é extrema. Inclusive na geografia.

Os iglus encomendados pela Luxury são móveis, aquecidos e testados em temperaturas radicais. Paredes e tetos foram construídos de vidro, para o hóspede admirar as luzes do Norte se exibindo no céu do Ártico à noite. Honkanen explica: “É a chance de vivenciar a região como um explorador ou cientista, com toda a segurança”.

O único mês possível de se hospedar no Luxury é abril. A temperatura, amena, fica por volta de 8 °C negativos à noite.

northpoleigloos.com



SURF LAKES

Lagos e piscinas com ondas artificiais para o surfe não são uma ideia nova. O veterano e campeoníssimo Kelly Slater tem até uma propriedade especializada nisso, o Surf Ranch, na Califórnia. Suas concorrentes eram até aqui as ondas artificiais de Waco, no Texas, e do Wavegarden, em Bristol, Inglaterra. A novidade da Surf Lakes, montada em um lago na pacata cidade de Yeppoon, na região de Queensland, nordeste da Austrália, é que o empreendimento promete ir muito além.

Para começar, trata-se da maior do gênero, com capacidade para gerar mais de 2 mil ondas por hora, divididas em diversos níveis de habilidade. Elas quebram em recifes construídos com contornos distintos, o que

produz ondulações com vários tamanhos, velocidades e formas.

As ondas do Surf Ranch são criadas por um aerofólio submerso atrelado a uma espécie de trem. As de Waco e Wavegarden funcionam à base de bombas de ar. O *swell* artificial da Surf Lakes, no entanto, é produzido por um enorme pêndulo que sobe e desce no centro do lago. Assim, ele cria ondas concêntricas ao seu redor cada vez que retorna à superfície.

Curiosamente, o “eureca” de Aaron Trevis, criador da Surf Lakes e atual CEO da companhia, aconteceu num fim de semana. Era 2013 e Trevis resolveu levar suas crianças para passear nas margens de um lago tranquilo. A garotada se divertiu quando começou a arremessar pedras na água e notar os desenhos circulares que se formavam. Na ocasião, Trevis teve um *insight*. Começou a pesquisar e a procurar investidores.

“Era preciso investigar como a natureza cria ondas, como um *swell* interage com os recifes e as praias”, relembra ele. “A natureza foi a inspiração, pois queríamos ondas as mais naturais possíveis.”

O interesse dos investidores cresceu quando Mark “Occy” Occhilupo, ex-campeão mundial de surfe, se tornou consultor do projeto. A ele se juntaram outras duas feras do esporte: Barton Lynch e Ben Player, campeão mundial de *bodyboard*.

De início, o pêndulo criava apenas ondas de meio metro de altura, insuficientes. Após uma série de estudos, engenheiros e técnicos conseguiram desenvolver o sistema atual, capaz de soltar quatro ondas consecutivas, com altura de 6 pés (1,8 metro). Para a delícia dos surfistas, o sistema gera hoje ondas de até 8 pés (2,4 metros) de altura.

surf-lakes.com.au



KRUGER SHALATI

Na década de 1920, um trem de luxo estacionava, de noite, em cima da hoje histórica ponte Selati, sobre o majestoso rio Sabie, na África do Sul. Pela manhã, ao despertar para o *breakfast*, os passageiros se encantavam com a visão da savana intocada. O cenário continua o mesmo – atualmente a ponte está dentro do preservadíssimo parque nacional Kruger. O café da manhã também continua sendo tomado no mesmíssimo lugar. A diferença: os visitantes deixaram de ser passageiros; viraram hóspedes.

É que o antigo trem ganhou aposentadoria dos trilhos, foi totalmente reformado e estacionado para sempre no alto da ponte Selati. Transformou-se no Kruger Shalati, hiperconfortável hotel com 31 quartos, com uma localização invejável. Em tempo: na margem do rio, foi instalado um deque exclusivo com piscina. Dentro dela, os hóspedes podem admirar, num nível mais abaixo, outros nadadores. Bem maiorzinhos, é verdade: crocodilos, hipopótamos, búfalos e elefantes.

krugershalati.com

FOTOS GETTY, DIVULGAÇÃO



THE WHALE

A arquitetura é ousada. Chama atenção. O museu The Whale, instalado em Andenes, norte da Noruega, foi projetado com o formato de uma cauda de baleia. Lembra direitinho uma delas mergulhando no oceano, com a parte traseira do corpanzil projetada acima da superfície do mar.

Pois bem. A exemplo desses enormes cetáceos, o museu – 4,5 mil metros quadrados – terá parte de sua área submersa e envidraçada, de modo a permitir uma visão submarina do mar de Barents. No alto do prédio, que deve ser inaugurado em 2022, um amplo terraço vai permitir, ao vivo, em cores e com direito a respingos de água, o avistamento de... baleias, ora.

O porto de Andenes, um simpático vilarejo de pescadores, é considerado um dos melhores lugares do mundo para esse tipo de observação. As baleias-anãs migram todo ano para lá.

Dorte Mandrup, diretora do escritório responsável pelo projeto arquitetônico, conta como a ideia surgiu. “Imaginamos um gigante levantando uma fina camada da crosta terrestre e criando uma cavidade por baixo”, explica. “Nosso objetivo é inspirar a conservação desses mamíferos marinhos e do seu habitat.”

whalemuseum.org





VILA NAIÁ

Quando era garotinha, Renata Bueno Mellão Alves de Lima presenciou os pais hospedarem na fazenda da família, no sul da Bahia, ninguém menos do que a rainha Elizabeth 2ª e o marido, o príncipe Philip. O casal britânico se deslumbrou com a paisagem tropical do vilarejo de Corumbau e seu mar calmo, que mais lembrava uma lagoa. A visita, entretanto, não saiu nos jornais. E Corumbau permaneceu incógnita e apegada aos lampiões. Só mesmo no século 21 viu chegar a luz elétrica, mais de 120 anos após ter sido inventada pelo americano Thomas Alva Edison (1847-1931).

A imprensa estrangeira só acabou esticando os olhos para Corumbau depois que Renata Mellão, com o auxílio do arquiteto Renato Marquez, transformou a fazenda no encantador resort Vila Naiá. Os súditos da rainha, à frente da versão britânica da revista de viagem *Condé Nast Traveller*, elegeram o lugar o melhor hotel de praia do planeta. O Vila Naiá tem apenas quatro suítes e quatro casas, estrategicamente distantes umas das outras, em uma área de 50 mil metros quadrados. Todas as construções, erguidas com madeira, acertaram o perfeito equilíbrio entre a simplicidade local e o luxo discreto. O serviço atento e atencioso une-se a uma cozinha exuberante, baseada em produtos locais. Não surpreende que a fazenda tenha agradado tanto aos ingleses da *Condé Nast* – como um dia deslumbrou o casal real britânico.

vilanaia.com.br



LYFX APP

O lançamento oficial no Brasil acontece em 2021, mas a plataforma já está *online*, com muita informação para os aventureiros de plantão. Chama-se Lyfx (pronuncia-se Láifequis) e é um app para *smartphones* que conecta guias locais (já são mais de 500 cadastrados e outros 6 mil na fila) e viajantes que queiram sair do lugar-comum, do *city tour* básico. “Estamos muito animados com o resultado”, explica Jorge Utimi Sobrinho, sócio da *startup* e responsável pela operação no Brasil. “Temos mais de 15 mil pessoas inscritas e bastante conteúdo para os que gostam de viajar a lugares diferentes, sempre na companhia de quem conhece a região e entende do assunto.” Empresário da área de tecnologia (leia-se Zup e Sales Makeover), surfista, *snowboarder* e praticante de ioga, Utimi é o que se pode chamar de UNQUIET por natureza: “Queremos que o Brasil se torne um dos maiores mercados para a plataforma nos próximos cinco anos. Potencial para isso, sabemos que o país tem de sobra”.

O Lyfx funciona por geolocalização e permite que o usuário pesquise por regiões, datas ou categorias de atividades. No final da busca, ele cria uma lista de locais e guias. “A plataforma é uma via de mão dupla. Queremos encorajar os viajantes a passarem mais tempo ao ar livre e reforçar a renda desses *experts* locais”, conta. Aproveitando a conversa, Utimi adianta, com exclusividade, para UNQUIET: já está na planilha dos próximos passos transformar a Lyfx em um *marketplace* de itens de aventura de segunda mão. “Muita gente adquire um produto para uma viagem e não usa mais, fica guardado, acaba comprando um modelo mais novo. Por que manter no armário uma peça que pode ser repassada para outras pessoas? Assim, mais gente pode se aventurar, e ainda diminuimos o impacto ambiental”, finaliza. Tem ou não tem tudo para se tornar um superapp?

lyfx.co



FESTIVAIS



ALBUQUERQUE BALOON FIESTA

Albuquerque, no estado americano do Novo México, é a capital mundial do balonismo. Nenhuma outra cidade lhe chega aos pés. A altitude acima dos 1,5 mil metros que torna o ar menos denso, o clima constante e os enormes espaços abertos contribuem para isso. Anualmente, acontece ali a Albuquerque International Balloon Fiesta. Neste ano o evento foi suspenso. Mas está confirmadíssimo para 2021, entre os dias **2 e 10 de outubro**. Espera-se mais de 1 milhão de visitantes para apreciar o balé aéreo, com balões de todos os formatos imagináveis. visitalbuquerque.org



HARBIN ICE FESTIVAL

Boneco de neve é uma coisa. Esculturas de gelo na cidade chinesa de Harbin são algo bem diverso. Trata-se de obras artísticas com as quais você pode interagir. Feitas com blocos congelados retirados do rio Songhua, elas tomam a forma de pirâmides, castelos, exércitos, figuras históricas e mitológicas. É o que o espera entre os dias **23 de dezembro de 2020 e o começo de março de 2021**.

A gloriosa Harbin habituou seus 4,5 milhões de habitantes – é a décima cidade mais populosa da China – a encarar duas realidades. Primeiro, a ideia de conviver com outras culturas. Harbin é um dos centros mais cosmopolitas do país, e suas influências ocidentais já a apelidaram de “A Paris Oriental”, mesmo nos tempos da famigerada Revolução Cultural. A outra realidade é o frio intenso, sob a influência direta dos ventos vindos da Sibéria. No inverno, a temperatura pode despencar para 38 °C negativos.

Cheios de criatividade, os chineses de Harbin transformaram o excesso de gelo e neve em arte pura. E também, desde 1985, no maior festival do gênero no planeta.

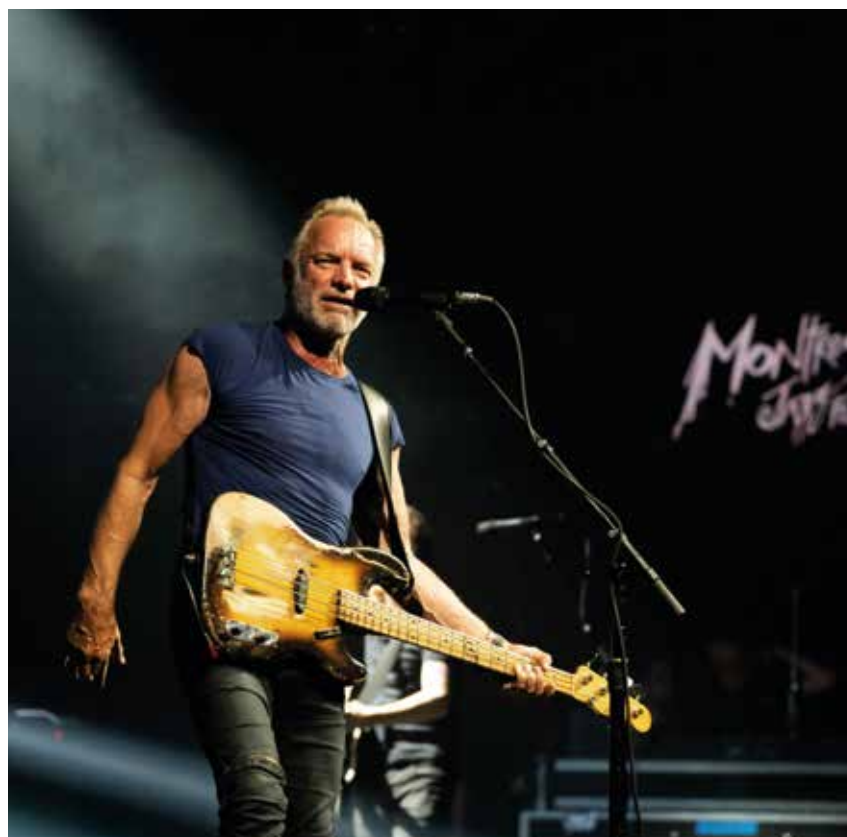
chinadiscovery.com



MONTREUX JAZZ FESTIVAL

Montreux tem só 25 mil moradores. Um dos mais célebres foi o cantor Freddie Mercury, que ali viveu seus últimos anos. Ainda assim, a cidadezinha suíça, erguida à beira do lago Léman tem um charme semelhante ao da Riviera Francesa. A começar pelo cassino e a rede hoteleira. Mas o lugar se destaca pelo Montreux Jazz Festival, iniciado em 1967.

Seu criador, líder e incentivador, Claude Nobs, morreu em 2013, mas o evento não perdeu o vigor. Continua reunindo artistas de um largo espectro, do pop ao jazz de vanguarda – e sempre com uma noite reservada à música brasileira. De **2 a 17 de julho**. montreuxjazzfestival.com



BUSAN INTERNATIONAL FILM FESTIVAL

É provável que você jamais tenha ouvido falar no Biff, o Busan International Film Festival, na Coreia do Sul. Pudera. Nem mesmo os cinéfilos mais enturmados costumam divulgá-lo por aqui. Mas ele é conhecido como o “Festival de Cannes da Ásia”. Até porque exibe os mais recentes premiados de Cannes, como também de Berlim e Veneza.

O Biff exibe ainda as estreias mundiais dos melhores filmes asiáticos. Para completar, as salas de projeção estão instaladas no Busan Cinema Center, um colosso da arquitetura, com teto móvel de 163 metros de comprimento, que pode ser elevado em segundos a 165 metros do solo biff.kr

HARLEY — DAVIDSON



LOW RIDER® S

*United
we will ride.*

Pensando em testar uma Harley-Davidson ou saber
quais condições reservamos para você este mês?

Consulte o nosso site H-D.com

PRODUZIDO
NO POLO INDUSTRIAL
DE AMAPÁ
CONHEÇA A AMAZÔNIA

USE O
CAPACETE



TODOS JUNTOS FAZEM
UM TRANSITO MELHOR



Check-in

Confira nossa lista de embarque para você viajar com equipamentos de última geração

POR DANIEL JAPIASSU



MY NAME IS TROTTER, GLOBE-TROTTER

A empresa britânica Globe-Trotter está completando 123 anos de bons (e luxuosos) serviços a Sua Majestade e, principalmente, aos viajantes afortunados. Uma de suas joias é a nova coleção 007 No Time to Die, inspirada no mais recente filme da franquia de James Bond – com Daniel Craig, ao que parece, em sua última

aparição na pele do agente. São duas peças com quatro rodas: uma para despachar e a outra de bordo. Tudo de fibra vulcanizada e acabamento de couro preto. A cor? Ocean Green, um verde-escuro que combina à perfeição com a paleta da Aston Martin, outra das marcas prediletas do personagem de Ian Fleming.

globe-trotter.com



LEICA Q2

Chiquitita y cumplidora! Eis as principais características da Leica Q2, excelente escolha para fotos de alta qualidade por pessoas inquietas. O modelo *full-frame* traz sensor de 47,3 megapixels, com lente f/1.7 de 28mm e tela OLED. Mais: sua estrutura totalmente vedada enfrenta qualquer intempérie (um pouco de água não é problema) e aguenta o tranco em destinos 4x4 (a Q2 tem sistema embutido de estabilização contra choques). Outro ponto que merece atenção é a hiperconectividade com diversos equipamentos, via *Bluetooth* e rede wi-fi. A bateria garante até 350 fotos sem recarga. Outra obra-prima da marca alemã.

us.leica-camera.com

À PROVA DE RISCOS

Sabia que a Swarovski, mundialmente famosa por suas peças de puro cristal, tem uma linha de binóculos com lentes à prova de riscos? Este da foto é o modelo CL Companion, todo emborrachado. Ele aumenta a imagem até oito vezes, sem distorções, mesmo debaixo d'água. Ah, a linha de *cases* a tiracolo também são um colírio.

aa.swarovskioptik.com



PECHINCHA DE TRADUÇÃO

Ele “fala” mais de 100 idiomas (com sotaque um tanto robótico, claro) e pode se tornar o parceiro perfeito na hora do aperto. O iTranslate foi projetado para smartphones com sistema Android ou iOS, mas também funciona em desktops e notebooks. Melhor: uma vez instalado, pode ser acessado em modo *offline*. O custo mensal é de US\$ 6 – uma pechincha, quando você precisa daquela informação fundamental e todos à sua volta só falam mandarim.

itranslate.com

NÁILON E COURO DE PRIMEIRA

Para a Hartmann, uma das principais grifes de malas de viagem, conforto e durabilidade precisam de náilon e couro de primeiríssima. A empresa, de quase 150 anos, usa essa receita desde 1935. A mala da foto é a Tweed Legend Voyager Spinner Garment (sim, tem nome de família real), quadrada, o que confere muito mais estabilidade na hora de puxar ou empurrar. Vem com alças laterais, além da principal, que tem 12 posições de regulagem. As rodinhas têm sistema de rolamento interno de aço.

shop.hartmann.com



THE BOSS

Ele funciona como duplê de *laptop* e *tablet touch screen*. O Surface Pro 7, chefe da família 2 em 1 da Microsoft, vem com sistema de armazenamento SSD (o mais rápido que existe) e 16 Gbytes de memória RAM (expansíveis até 32 Gb). Tem ainda conexão total com a internet (o sistema é perfeito para computação em nuvem) e processador Intel i7 de décima geração. O teclado destacável *Bluetooth* e a canetinha óptica brilham entre os acessórios. microsoft.com



PELE SAUDÁVEL

Você se olha no espelho e a aparência é ruim? Calma. Com uma ajudinha do Ziip Beauty, sua pele estará sempre ótima. Ele recebe informações de um app instalado no seu *smartphone* e funciona à base de nano e microcorrentes elétricas. Elas estimulam as células da pele a produzir colágeno e elastina. Junte a isso o poder dos cremes Golden, Silver e Crystal: o resultado é uma derme saudável, com aquele *lift* que imediatamente melhora sua reunião (presencial ou via *call*). ziipbeauty.com



AMIGO CERTO

O iPhone 12 é a mais recente aposta da Apple para se tornar o companheiro certo das horas incertas. Ele aguenta até 30 minutos embaixo d'água, tem sistema de câmera dupla (ultra-angular e grande-angular) de 12 megapixels, até 256 Gbytes de armazenamento e bateria que dura o dia inteiro. Ah, o *touch screen* ultrarresistente, com borda infinita, é feito de cristais de nanocerâmica. apple.com/br/iphone-12

OSMO MOBILE 4

Vídeos das férias sem tremeliques é com o Osmo Mobile 4, da DJI. Estabilizador dobrável para *smartphones*, o Osmo funciona via Bluetooth e impressiona pelo modo Sport. Esse artifício possibilita o controle total da gravação com gestos das mãos. E ainda conta com sistema de reconhecimento da forma do corpo. dji.com/br



Itaú Private Bank. Estamos em 1º lugar porque colocamos o cliente em 1º lugar.

Isso é o que nos faz ser o melhor e maior Private Bank do Brasil.

PWM/THE BANKER

Global Private Banking Awards 2020 · Best Private Bank in Brazil
2020 · 2019 · 2018 · 2017 · 2016 · 2015 · 2014 · 2012 · 2011

PBI | Private Banker International Global Wealth Awards 2020 ·

Outstanding Global Private Bank in Latin America
2020 · 2019 · 2018 · 2017 · 2016 · 2015 · 2014 · 2012 · 2011 · 2010 · 2009



Fonte: Anbima



ItaúPrivateBank

NÓS CUIDAMOS DO MAIS IMPORTANTE: SEU PATRIMÔNIO.

Quando você faz um investimento tão significativo quanto a compra de uma aeronave, é preciso proteger o seu patrimônio, permitir a rentabilidade financeira e assegurar que ela seja cuidada por quem tem experiência e reconhecimento no mercado de aviação executiva. É por isso que oferecemos o serviço de gerenciamento de aeronaves.

GERENCIAMENTO

REDUZA OS CUSTOS DE OPERAÇÃO DE SUA AERONAVE.

O gerenciamento é uma escolha inteligente que permite a segurança e a organização financeira do seu ativo. Obtenha os benefícios das grandes frotas por meio da gestão operacional, técnica, comercial e administrativa.

CONTE COM A
EXCELÊNCIA DE UMA
DAS MAIORES EMPRESAS
DE AVIAÇÃO EXECUTIVA
DA AMÉRICA LATINA.

Veja mais
informações
sobre este
e outros
serviços em
nosso site.



Gerenciamento e
Administração de
Aeronaves:

+55 11 5070-6026

fbo@iconaviation.com.br


www.iconaviation.com.br



READING IN STYLE

Londres é a cidade europeia com o maior número de livrarias especializadas em viagem. Uma tradição britânica que a UNQUIET traz até você

POR WALTERSON SARDENBERG S^o

O excesso de chuvas de Londres não parece desestimular velhas manias, há muito arraigadas. Incluem-se na lista a previsão do tempo, a jardinagem e os papéis de parede. Nenhuma dessas obsessões britânicas combina com a umidade, convenhamos. Livros também não. No entanto, apenas na principal biblioteca pública da cidade, a British Library, repousam 25 milhões de volumes. Lá estão relíquias como o manuscrito de *Alice no País das Maravilhas* (1864), de Lewis Carroll, e a letra original de “A Hard Day’s Night”, na caligrafia de John Lennon. A coleção ocupa nada menos que 600 quilômetros de prateleiras. Mais do que a distância entre o Rio de Janeiro e São Paulo.

Livrarias são outra mania londrina. O escritor americano Bill Bryson, que morou na Inglaterra, resumiu: “Londres é o melhor lugar do mundo para pôr uma carta no correio, caminhar, ver TV, comprar um livro, sair para tomar um trago, ir a um museu, usar dos serviços de um banco, perder-se, buscar auxílio ou ficar de pé numa colina observando a paisagem”.

Em uma metrópole com mais de 900 livrarias, é natural que várias se dediquem a um nicho bem específico: literatura de viagem. A seguir, as mais importantes.



ALAMY

A MAIS BONITA

O argentino Jorge Luis Borges (1899-1986) sempre imaginou o Paraíso como uma monumental biblioteca. Fãs do escritor costumam acreditar que ele estava se referindo à **Daunt**. Por fora, a entrada no prédio eduardiano, da primeira década do século 20, quando Eduardo 7º assumiu o trono do Reino Unido, parece até acanhada. Mas basta ultrapassá-la para se deslumbrar. Oito entre dez visitantes a fotografam e publicam no Instagram. Do jardim de inverno no térreo já se divisam os três andares, guarnecidos por luz natural em virtude do generoso pé-direito e da encantadora claraboia. Tudo é elegante. Sobretudo as estantes, corrimãos e balaustradas, feitas do melhor carvalho. Um ambiente que é pura Belle Époque.

À diferença da Stanfords, a Daunt não se especializou em viagens. Mas esse é o seu forte. Tal como na concorrente, os títulos estão selecionados por continentes, países e cidades. Além dos guias de viagem, há guias de hotéis, história, biografias, livros de fotografia, de culinária. Também literatura. Nas estantes reservadas à França, por exemplo, lá está *Paris É uma Festa*, as lembranças de Ernest Hemingway de suas temporadas francesas na juventude.

A Daunt tem quatro filiais. Mas não se engane. O endereço certo é o da matriz, na Marylebone High.

dauntbooks.co.uk



A MAIS FAMOSA

A **Stanfords** é simplesmente a maior e mais completa livraria de viagens do planeta. Tem uma filial em Bristol, a 200 quilômetros da capital inglesa, mas sem o charme da matriz. A primeira loja foi inaugurada ainda em 1853, no bairro de Covent Garden, pelo célebre cartógrafo Edward Stanford. Dali transferiu-se em 1901 para a rua Long Acre, onde sobreviveu a um bombardeio nazista no ano de 1941. A mudança mais recente ocorreu em 2019, sempre em Covent Garden. O novo endereço, na Mercer Walk, segundo os proprietários, pode atender com mais rapidez e eficiência às compras pela internet.

Mudou de rua, mas não perdeu a majestade dos tempos em que o detetive Sherlock Holmes, em um dos romances de Conan Doyle (1859-1930), recomenda a Watson dar um pulo na Stanfords para adquirir um mapa da prisão de Dartmoor. De resto, a cartografia ainda é o forte, na com-

panhia de globos de sortidas dimensões e dos 40 mil volumes dedicados a viagens. Para facilitar a consulta, as prateleiras estão divididas por continentes, países e cidades. Não são apenas guias, mas também livros que abordam a cultura de cada lugar, da culinária à literatura.

Para deixar bem claro que viajar é o tema principal, a loja também oferece, entre outros objetos, adaptadores de tomadas, mochilas, bolsinhas para esconder dinheiro, bússolas modernas, a linha completa das cadernetas Moleskine e capas de chuva que, dobradas, ocupam mínimo espaço. Tudo, enfim, para manter a reputação de uma casa que também mereceu, ela própria, ser transformada em livro: *The Mapmakers – A History of Stanfords*, escrito por Peter Whitfield.

stanfords.co.uk



O PRESENTE IDEAL

Charing Cross Road é uma rua com várias livrarias, instaladas em casas estreitas de arquitetura vitoriana. Por exemplo: David Drummond e Marchpane's. Nenhuma delas, no entanto, pode ser comparada à **Goldsboro Books**. Nenhuma outra do planeta, aliás.

A Goldsboro é a maior do mundo em sua especialidade: primeiras edições autografadas pelo autor. Atenção para o detalhe: são reconhecidas como tal apenas aquelas lançadas no país de origem do escritor.

Venerada por quem ama livros, foi criada por dois colecionadores amigos, David Headley e Daniel Gedeon. Eles abriram a loja em 1999 e se orgulham do olho clínico. Por exemplo: em 2013, adquiriram

cópias autografadas de *The Cuckoo's Calling* (*O Chamado do Cuco*), de Robert Galbraith. À primeira vista tratava-se apenas de um autor estreante. Mas Headley e Gedeon apostaram no talento do rapaz. Tanto que não se surpreenderam quando o *Sunday Times* revelou: Robert Galbraith era, na realidade, o pseudônimo de uma escritora de sucesso avassalador – J.K. Rowling, da série *Harry Potter*.

Para finalizar, lembre-se de que, para quem realmente gosta de livros, há poucos presentes melhores do que uma primeira edição. Principalmente autografada.

goldsborobooks.com

A MAIS DESCOLADA

Richard Curtis, o roteirista de *Um Lugar Chamado Notting Hill* (1999), costumava frequentar a The Travel Book, especializada em viagens. Inspirou-se nela para escrever a história da estrela de cinema (Julia Roberts) que se apaixona por um desajeitado dono de livraria (Hugh Grant). No entanto, Curtis sempre deixou claro que a loja do filme foi montada em estúdio – não é a mesma do endereço do simpático bairro em que a cidade ainda paga tributo às fachadas coloridas da *swinging London* dos anos 1960. E daí?

Inaugurada em 1979, a Travel Books herdou os fãs do filme, que a tomam como genuína. E, de certa forma, é mesmo. *Why not?*

Isso não bastou, porém, para o verdadeiro dono da livraria manter o negócio. Há duas décadas morando na França, ele tentou fazer o filho continuar seu legado. Não conseguiu. Assim, passou

a casa adiante. Desde 2011, a The Travel Book está nas mãos de novos proprietários. Eles trocaram o nome. A livraria passou a se chamar **The Notting Hill Books**, para remeter ainda mais ao filme.

A rigor, foi a única mudança digna do nome. A loja continua idêntica e, da mesma maneira, tem no acervo guias, literatura de viagem, mapas, atlas, biografias – tudo organizado por países, como costuma ocorrer nos enclaves do ramo. Também vende, claro, edições diferentes do livro *Um Lugar Chamado Notting Hill*.

A propósito, a casa de fachada azul onde morava o personagem de Hugh Grant, ali pertinho, continua de pé e pintada da mesma cor. Quem residia ali, originalmente, era o próprio Richard Curtis. Sim, o autor da história.

thenottinghillbookshop.co.uk

PARA O CHÁ DA TARDE

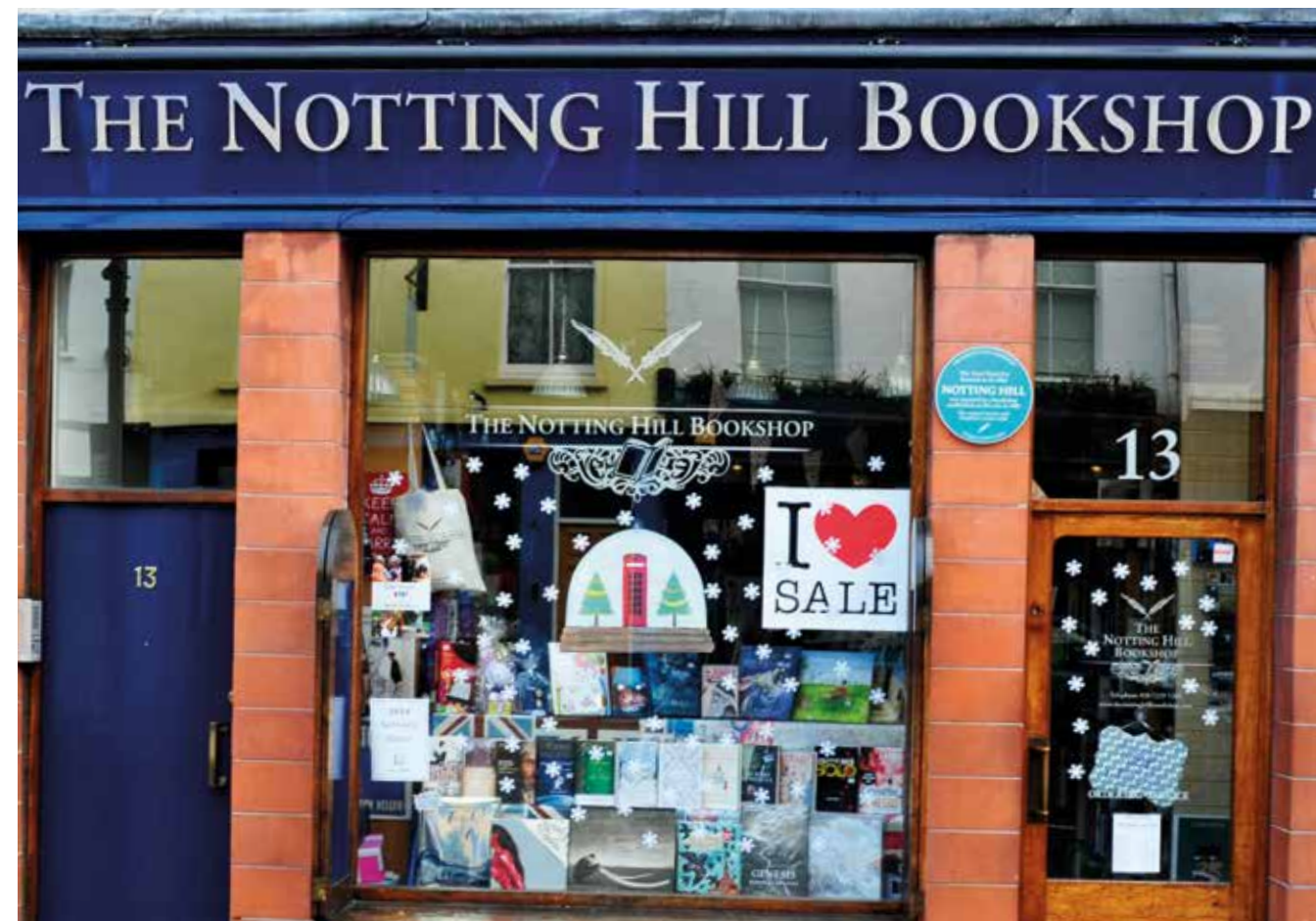
“Em determinadas circunstâncias, há poucas horas na vida mais agradáveis do que a cerimônia conhecida por chá da tarde.” Essa é a primeira frase do romance *Retrato de uma Senhora*, de Henry James (1843–1916), americano naturalizado britânico. Em Londres, você consegue conciliar o chá com a procura por livros de viagem. Assim acontece na **Arthur Probsthain**, livraria que tem, no andar de cima, a casa Tea & Tattle, dedicada às infusões vindas da Índia (o darjeeling, por exemplo), do Sri Lanka (o Royal English), do Quênia, da China, do Japão e de outros lugares. São servidas, claro, com *scones*, espécie de brioques, a serem preenchidos com *clotted jam* (creme de leite artesanal) e *jam* (geleias de morango ou framboesa, de preferência).

A Arthur Probsthain foi inaugurada em 1903, ainda nos idos colonialistas. Dois anos depois,

mudou-se para o endereço atual. Já então dedicava-se a livros sobre a Ásia, a África e o Oriente Médio, ainda hoje o seu trunfo. Muitas das obras – algumas raríssimas – são encontradas em sua língua de origem.

Você não precisa, entretanto, atravessar a rua, entrar no British Museum – fica em frente – e consultar a Pedra de Roseta e outros documentos para decifrá-las. A maioria dos livros está em inglês, bastando tirá-los da prateleira, num ambiente aquecido pela bela e reconfortante lareira do salão principal. Boa parte dos títulos aparece listada no site da AbeBooks e pode ser comprada pela internet. Em tempo: a livraria ainda pertence à família do fundador. 📍

teaandtattle.com



FOTOS FOTOARENA, REPRODUÇÃO

NÃO VIVA A VIDA SEM OLHAR PARA DENTRO.

Da aula de yoga online até a ração do pet. Se importa para você, conte com o Cartão American Express®. Use diariamente e acumule pontos que nunca expiram. Isso mesmo, nunca. Ainda não tem Amex? Calma, respire fundo, é só pedir o seu.

AMERICAN EXPRESS



CONFIRA
AS VANTAGENS
DE SER
ASSOCIADO AMEX.

American Express é uma marca registrada da American Express.

NÃO viva a vida SEM O SEU™



americanexpress.com.br

facebook.com/AmericanExpressBrasil



A AMAZÔNIA É AQUI

No entorno do rio Cristalino, no norte de Mato Grosso, o maior templo de observação de pássaros do Brasil encanta os amantes da natureza com a música de 586 espécies de aves – e com uma inspiradora experiência de hospitalidade sustentável na grande floresta

POR DANIEL NUNES GONÇALVES, DE ALTA FLORESTA



Árvores com centenas de anos estão entre as preciosidades. Na outra página, o pier de recepção do lodge

FOTOS SAMUEL MELIM, LUIZA FERRAZ



B

asta o sol despontar no horizonte e logo começa a cantoria. São papagaios, tucanos, saíras e outros pássaros. Eles capricham nos trinados e garganteios, como que para celebrar mais um dia que raia na floresta amazônica. Estou, desde as 5 e pouco da manhã, no alto de uma das duas torres de 50 metros esperando este momento: o amanhecer avistado de um ponto de observação de aves acima do dossel das árvores.

A bruma evapora do grande carpete verde do sul da Amazônia e encontra os tons alaranjados do céu. Além do deleite visual, o espetáculo arrepia pela sonoridade. É como se uma orquestra natural festejasse o nascer do sol na cidade de Alta Floresta, no norte do Mato Grosso, onde já foram avistadas 586 espécies de aves. “Entendeu por que dizem que este é o melhor lugar do Brasil para *birdwatching*?”,

pergunta meu guia, o “passarinheiro” Jorge Lopes, enquanto me mostra o raro gavião-real pela lente teleobjetiva de 300 milímetros de sua câmera fotográfica. Ex-garimpeiro que se tornou ornitólogo autodidata e guia de grupos ali há 25 anos, Jorge dispara um assovio e fica estático por instantes. Parece difícil acreditar, mas um pássaro responde com canto idêntico. Ele sorri, troca a melodia, e outra ave interage. Nessas alturas mágicas no entorno do rio Cristalino, a sinfonia da passarinhada soa como a melhor trilha sonora para começar o dia.

Diante de tamanho êxtase, demora para lembrarmos que não tomamos café da manhã. Dezenas de fotos e muitos cantos de pássaros depois, descemos com nossos binóculos os 240 degraus da torre para pegar a trilha de volta, agora observando por baixo os espessos troncos das árvores de até 40 metros de altura. Diferentemente do caminho de ida, percorrido à noite sob a luz de lanternas e alguma adrenalina, a caminhada



Com águas escuras e limpas, o rio Cristalino é um dos melhores lugares para observação da fauna e da flora locais



Em sentido horário, a arara-azul, a borboleta Morpho menelaus, o mãe-de-taoca e o araçari-mulato



diurna por alguns daqueles 30 quilômetros de trilhas é solene, contemplativa, com feixes de luz solar dando à floresta um ambiente encantado. Nosso destino é a base do Cristalino Lodge, onde estou hospedado. Hotel de selva que virou referência internacional do casamento bem-sucedido de hospitalidade e conservacionismo, o lodge está incrustado em meio às Reservas Particulares do Patrimônio Natural (RPPNs) do Cristalino, as primeiras do gênero na Amazônia mato-grossense. São 11.399 hectares de floresta primária em uma área seis vezes maior do que o arquipélago de Fernando de Noronha, e uma vez e meia a área da ilha de Manhattan, em Nova York. Um território protegido onde é proibido mexer em qualquer árvore sem autorização, e onde as únicas atividades permitidas são o ecoturismo e a educação ambiental.

Já de volta às instalações do hotel para o merecido café da manhã antes dos outros passeios do dia, observo alguns dos cuidados ambientais que premiaram o Cristalino Lodge com reconhecimentos de instituições respeitadas como *National Geographic*, *Condé Nast Traveler* e *Travel*

+ *Leisure*. O amplo hall de convivência, onde há uma biblioteca com mais de 200 títulos, bar, sala de conferência para palestras, miniloja e adega de vinhos, é todo construído de madeira e vidro, garantindo bastante iluminação e ventilação natural – pois o calor no verão pode passar de 40° centígrados. Cada um dos 18 refinados bangalôs tem ao lado um círculo de bananeiras para tratamento biológico dos resíduos líquidos. E mais de 100 painéis solares garantem a luz e os ventiladores das suítes. Só não espere encontrar aqui televisão e ar condicionado, pois existe uma proposta clara de interagir com a natureza e curtir o ar puro. Há inclusive chuveiros privados e banheiras ao ar livre, bem decorados e com toques de requinte. Lençóis e amenidades são de primeira linha, e, por incrível que pareça, o wi-fi funciona bem nesses confins da mata.

A preocupação com o meio ambiente está na origem do Cristalino Lodge. Obra do pioneiro, o patriarca Ariosto Da Riva, que deixou o interior de São Paulo para fundar Alta Floresta, em 1976, numa época em que o governo estimulava a ocupação da Amazônia. Naquela época, sinal

de progresso era desmatar para produzir, e plantou-se muito cacau, guaraná e frutos nativos. Depois vieram os ciclos do garimpo, dos cortes de árvores para vender madeira ou abrir pastos para criadores de gado. Até que Vitória Da Riva, filha de Ariosto, começou a mudar essa história. “Quando visitei o lugar, me encantei, entendi o valor da floresta em pé e passei a militar para que ela não fosse derrubada”, conta Vitória, hoje com 75 anos. Em 1990, Vitória comprou um grande lote à beira do rio Cristalino, de águas escuras e limpas, e começou a construir os primeiros alojamentos, inicialmente rústicos. Foi em 1997 que ela, o marido, Edson, e os cinco filhos decidiram mudar de mala e cuia para Mato Grosso. “Lembro-me de chorar quando parti, com o Alexandre no colo”, conta ela, emocionada. “A partir dali, fiz do Cristalino a minha vida.”

A criação do ecolodge nos anos 1990, quando pouco se falava em sustentabilidade no Brasil, fez de Vitória uma pioneira respeitada no mundo todo. “Em que outro lugar do planeta se pode encontrar em uma mesma região seis tipos de vegetação diferente e preservadas como aqui?”, cos-

A reserva do Cristalino tem 11.399 hectares de floresta. É uma área seis vezes maior que Fernando de Noronha

FOTOS CRISTIAN DIMITRIUS, LUIZA FERRAZ, JORGE LOPES, GILL CARTER, WILL CARTER, PEDRO KRAJEWSKI



*O hotel Cristalino Lodge
mantém bangalôs instalados
no meio da floresta*

EDSON ENDRIGO



A ariranha, as garças e as castanhas: parte do encanto local



Foram catalogadas mais de 1.500 espécies de borboletas no Cristalino. Uma delas homenageia o nome da dona do hotel

tuma perguntar. O Cristalino Lodge nasceu com uma proposta ecológica, e os filhos de Vitória acabaram se envolvendo no negócio: “A Adriana é a arquiteta de nossas instalações, o Edinho virou meu parceiro nas questões sustentáveis, o Alexandre encabeça os negócios”. No comando do hotel ao lado da mãe, Alex Da Riva, 42, também tem sua trajetória ligada ao Cristalino Lodge desde criança. “Lembro das primeiras viagens em família, que duravam três dias em uma perua Chevrolet Veraneio”, conta. “Passei a infância brincando com borboletas e não me esqueço da primeira vez que me surpreendi, aos 9 anos, com o tamanho da castanheira da nossa terra.”

As borboletas e a mesma castanheira da memória afetiva de Alex continuam fascinando os viajantes mais de três décadas depois. “Foram catalogadas mais de 1.500 espécies de borboletas no Cristalino, o que faz dele o melhor lugar para minha pesquisa”, diz a bióloga Luísa Lima e Mota, doutoranda pela Unicamp (Universidade Estadual de Campinas) que morou por um ano na reserva. Em 2019, Luísa publicou um artigo científico anunciando a descoberta de um novo gênero e espécie de borboleta, a *Cristalinaia victoria*, batizada em homenagem à criadora do hotel e das RPPNs que abrigam o lodge. São muitas as espécies raras da fauna e da flora do lugar, e mais de 100 pesquisas científicas foram produzidas aqui. Tive um exemplo dessa diversidade no dia em que o guia Jorge, o passarinho do início deste texto, me levou para fazer a trilha da Cas-

tanheira. Como se não bastasse o alumbramento de se deparar com a árvore de 40 metros de altura e estimados 800 anos de existência, que precisa de 11 pessoas para ser abraçada, avistei também o raro macaco-aranha-de-cara-branca, que só existe nessa região.

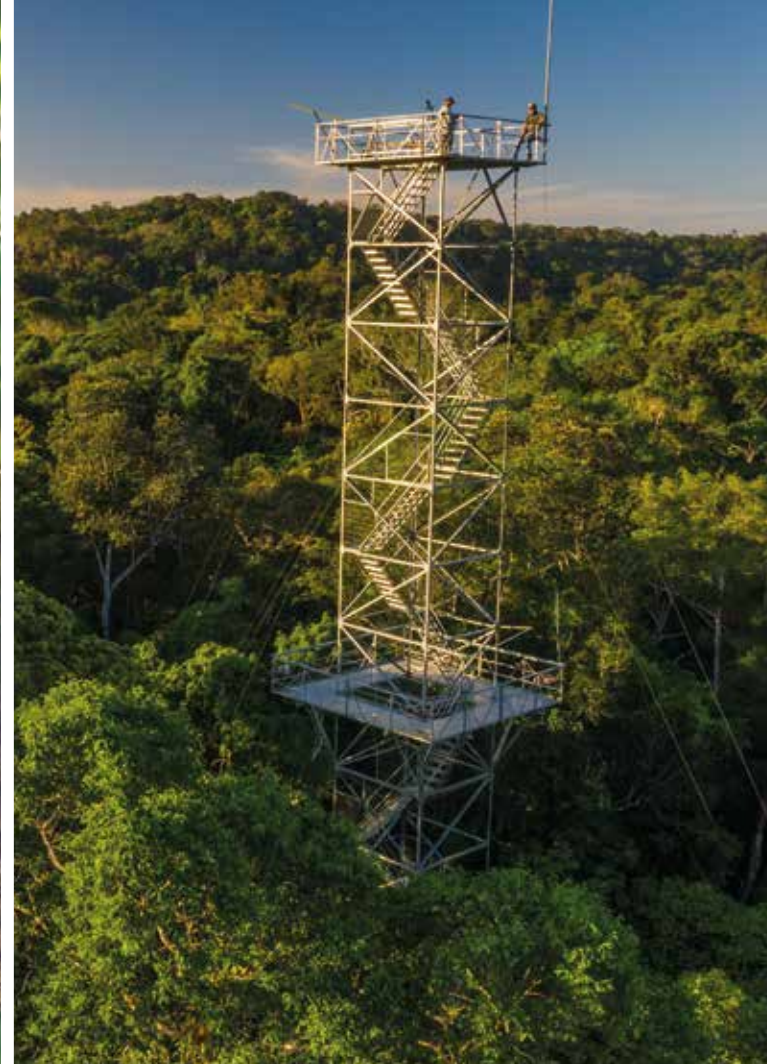
Macacos há aos montes no Cristalino. Tomei um baita susto ao ouvir pela primeira vez o rugido aterrorizante do bugio, que mais parece o de uma onça-pintada brava, justo quando eu desfrutava de um banho tranquilo no rio Cristalino (antes da sesta que virou rotina nas minhas cinco tardes no hotel). As onças passaram a ser observadas com alguma frequência pelos guias e funcionários do lodge nos últimos anos. Os pesquisadores de felinos espalharam câmeras pela mata e volta e meia flagram os bichanos pelo pedaço – uma delas, figurinha corriqueira nas imagens, já ganhou até o apelido de “Igarapé”. “Recentemente vimos também uma suçuarana [*onça-parda, menor que a pintada*]”, conta Alex. “Trata-se de um sinal de como o ambiente é preservado nesse ponto da Amazônia.” Na trilha das Rochas avistei uma dezena de queixadas, ou porcos-do-mato. Dá para vê-los do alto de uma pequena torre, enquanto se alimentam no barreiro, fazendo um barulho estridente de rilhar dos dentes.

Depois das torres de observação, meu lugar favorito para avistar a vida selvagem foi o próprio rio Cristalino que dá nome ao hotel, às reservas e ao Parque Estadual vizinho (também criado com participação ativa de Vitória Da Riva). Na minha



*As águas escuras do rio
Cristalino encontram as águas
barrentas do rio Teles Pires:
espetáculo da natureza*

PEDRO KRAJEWSKI



saída para remar um caiaque por duas horas, surpreendi um casal de araras-azuis e amarelas voando sobre minha cabeça, vários martins-pescadores dando mergulhos na linha d'água em busca do peixe do dia, biguás acompanhando o caiaque como se fossem patos – e até ariranhas e uma anta! Mesmo quem não quer fazer o esforço físico de remar pode avistar a fauna aquática com facilidade. Basta relaxar no píer flutuante na frente do hotel, decorado por enormes ombrelones e espreguiçadeiras de madeira. No mínimo alguns dos muitos pássaros do Cristalino vêm fazer uma visita – quando não um macaco, um jacaré ou uma capivara.

É este, justamente, o diferencial do Cristalino em relação a outros lugares da Amazônia, este santuário latino ainda tão pouco conhecido pelos brasileiros: a facilidade para observar a vida nativa da maior floresta tropical do planeta, sem fazer muito esforço. O fato de os rios não sofrerem oscilações no nível da superfície, como acontece nas principais reservas dos estados do Amazonas e do Pará, facilita para que seja possível passear ali praticamente o ano inteiro – em especial, de abril a janeiro, para evitar as chuvas de fevereiro e março. Os seis meses em que o Cristalino Lodge ficou fechado em função da pandemia,

entre março e setembro de 2020, contribuíram para que as trilhas ganhassem algum tempo de descanso.

Sem visitantes, os bichos que já viviam perto do hotel ficaram ainda mais à vontade. Os tempos difíceis para a pequena comunidade local de 100 famílias foram enfrentados com algumas iniciativas solidárias da fundação Cristalino, criada pela família Da Riva para colaborar com o lugar: uma campanha com os hóspedes e amigos para arrecadar cestas básicas rendeu 3 toneladas de material no valor de R\$ 150 mil, além da venda de quatro belas imagens feitas no Cristalino pelo fotógrafo João Paulo Krajewski.

Isolado e arejado como foi concebido, o Cristalino Lodge precisou de poucas adaptações para se adequar aos novos protocolos sanitários. Pouca gente chega ali: basicamente os viajantes que se dispõem a voar até Cuiabá, depois para Alta Floresta, e então mais uma hora por terra. Outra meia-hora de barco a motor subindo o rio e... pronto! Você chegou.

O tempo livre para passear ou descansar nas espreguiçadeiras dos decks em volta dos bangalôs segue o mesmo de sempre: lento, ao som e no ritmo da natureza exuberante de Mato Grosso – em meio à contemplação do céu, do rio, das aves, da vida. 📍



Onça-pintada, macaco-prego, uma navegação pelos igarapés e a torre do observatório do Cristalino: atrações na selva

FOTOS CRISTIAN DIMITRIUS, ALEX DA RIVA, JORGE LOPES, MARCOS AMEND
MAPA ANTONIO TAVARES

CONHEÇA OS BENEFÍCIOS
EXCLUSIVOS UNQUIET

Para mais detalhes acione o QR code ao lado
ou acesse revistaunquiet.com.br



Mosteiro
Ninho do Tigre,
em Paro

CULTURA

BUTÃO

JORNADA RUMO À FELICIDADE

*A terra do dragão
é um dos destinos
mais remotos e intocados.
Descubra por que o país
atrai viajantes em busca
de conhecimento
e espiritualidade*

POR JULIANA A. SAAD,
DE THIMPHU

GETTY/KELLY CHENG



C

Muitos sorrisos. Não à toa, o país asiático, uma monarquia constitucional, é conhecido como o Reino da Felicidade

om ritmo próprio e suavidade infinita, o Butão ensina e encanta. Quase intocado e por isso mesmo sedutor, encaixado entre a Índia e o Tibete (região autônoma da China), o pequeno reino budista (menor que o estado do Rio de Janeiro) paira nas alturas himalaia com uma política *high value/low impact* que limita o acesso de visitantes, preserva o meio ambiente, valoriza seus 800 mil habitantes e faz dele um destino especial.

Ali, o movimento é outro e a gentileza do povo toca fundo o viajante, que sai impressionado com o Reino da Felicidade, pois o Butão deu uma lição ao mundo ao enfrentar com firmeza a pandemia do coronavírus, fechando as fronteiras e mantendo taxas baixíssimas de contágio, revelando todo o cuidado dos governantes.

Neste lugar remoto, com picos de 7.000 metros de altitude ao norte, planícies baixas ao sul e rios que cortam os vales, a jornada se inicia no oeste, com paradas em Thimphu, Paro, Gangtey e na antiga capital, Punakha, onde fica o *dzong* (castelo-fortaleza) de mesmo nome, considerado o mais bonito do país. A parte central, na região de Bumthang, é uma terra de vales profundos e formidáveis *dzongs* sagrados. Subindo, o centro montanhoso, com altitudes entre 2.600 e 4.000 metros, abriga a maioria da população e as cidades históricas espalhadas pelos vales de Ura, Chumey, Tang e Choeckhor. A região mais inexplorada fica a leste, devido ao relevo difícil. E o sul do país é ainda mais selvagem, plano e quente, com tigres, elefantes e rinocerontes. Ao norte, as paisagens virgens e preservadas em torno dos grandes picos se alternam, chegando ao máximo dos 7.570 metros de altitude, o Gangkhar Puensum, na fronteira com a China.

Uma semana de carro é o tempo perfeito para conhecer o melhor do país. Os caminhos passam por muitas curvas, são cruzados por rios, atravessam pontes, lindas aldeias, terraços com plantações de trigo e arroz vermelho – as duas culturas que movimentam a economia. Há também pimenta (bastante usada na culinária local) e *cannabis* (exclusivamente para alimentar carneiros e iaques, os bovinos de pelagem longa). O trajeto inclui os *dzongs*, as rodas de oração e os inúmeros *chortens* (monumentos em forma de torre, também conhecidos como estupas ou pagodes, um dos mais importantes símbolos do budismo). Destaque para as compridas pontes suspensas – como a de Punakha, com 180 metros sobre o rio Po Chhu – e para as delicadas passarelas de pedestres, algumas do século 15, enfeitadas com bandeirolas e torres de cada lado da travessia.

Nada chama mais atenção, porém, que as onipresentes bandeiras de oração. São bandeirolas coloridas com preces que balançam ao sabor do vento. Estão às centenas em estradas, pontes, ao redor de mosteiros e jardins, em geral na mesma ordem de cores: azul-branco-vermelho-verde-amarelo, lembrando os elementos água-éter-fogo-ar-e-terra. Sempre nessas

cinco cores, são penduradas na horizontal nos países budistas, mas no Butão existem também as bandeiras verticais, brancas, presas em uma longa estaca de madeira. No centro de cada uma está impresso o cavalo-do-vento (*lungta*), cuja tradição diz trazer a iluminação que preenche os desejos. E muitas mencionam os números sagrados do budismo: 3, 13 e 108, considerados benéficos à vida. Exemplo: são 108 as bandeirolas brancas colocadas ao vento após a morte de um parente, mesmo número das pérolas dos rosários de oração. Ou dos 108 *chortens* em Dochula, uma passagem de montanha no Himalaia na estrada que vai de Thimphu a Punakha.

A TAL DA FELICIDADE

Algo único no Butão é o índice de Felicidade Interna Bruta (FIB), em contraponto ao Produto Interno Bruto (PIB) usado do restante do mundo. O termo foi criado em 1972 pelo rei butanês Jigme Wangchuck (pai do atual rei) para medir a qualidade de vida e o progresso social de uma maneira mais holística. O FIB foi também adotado pela ONU como um indicador auxiliar do PIB e do Índice de Desenvolvimento Humano (IDH). É o Centro de Estudos do Butão que analisa o FIB, con-

FOTOS GETTY/PETER ADAMS, ANDREW PEACOCK



FOTOS GETTY/TRISTON YEO, ISTOCK



Tudo é muito colorido: as vestes dos monges, os trajes do casal real e as bandeirolas sobre o rio Paro, indicando o monastério de Tachog Lhakhang

ceito amparado por quatro pilares: desenvolvimento socioeconômico sustentável e equitativo + conservação ambiental + promoção do patrimônio cultural + boa governança. O conceito é baseado no desenvolvimento socioeconômico sustentável e equitativo (a energia hídrica é responsável por 40% do total das exportações ou 25% do PIB butanês), na conservação e promoção da cultura e tradição, na preservação e proteção do meio ambiente natural (as florestas ocupam 72% do território e sua pegada de carbono é negativa) e na boa governança (saúde e educação universais).

O FIB é acompanhado pelo quinto e atual Druk Gyalpo (Rei Dragão), Jigme Khesar Namgyel Wangchuck, de 40 anos, casado com Jetsun Pema, 30, graduada em relações internacionais na Universidade de Oxford, na Inglaterra. Rei e rainha são adorados pela população. Nessa monarquia parlamentarista, a realeza butanesa é budista, como a maioria dos habitantes, o que explica a enorme influência que os lamas continuam a exercer no país, não só por meio da religião, mas também da astrologia. Na cultura local, nada é feito sem a consulta prévia aos monges, que regem quase tudo na vida das pessoas a partir da posição dos astros – a melhor data para noivar, casar, viajar, trocar o telhado de casa ou batizar os filhos.

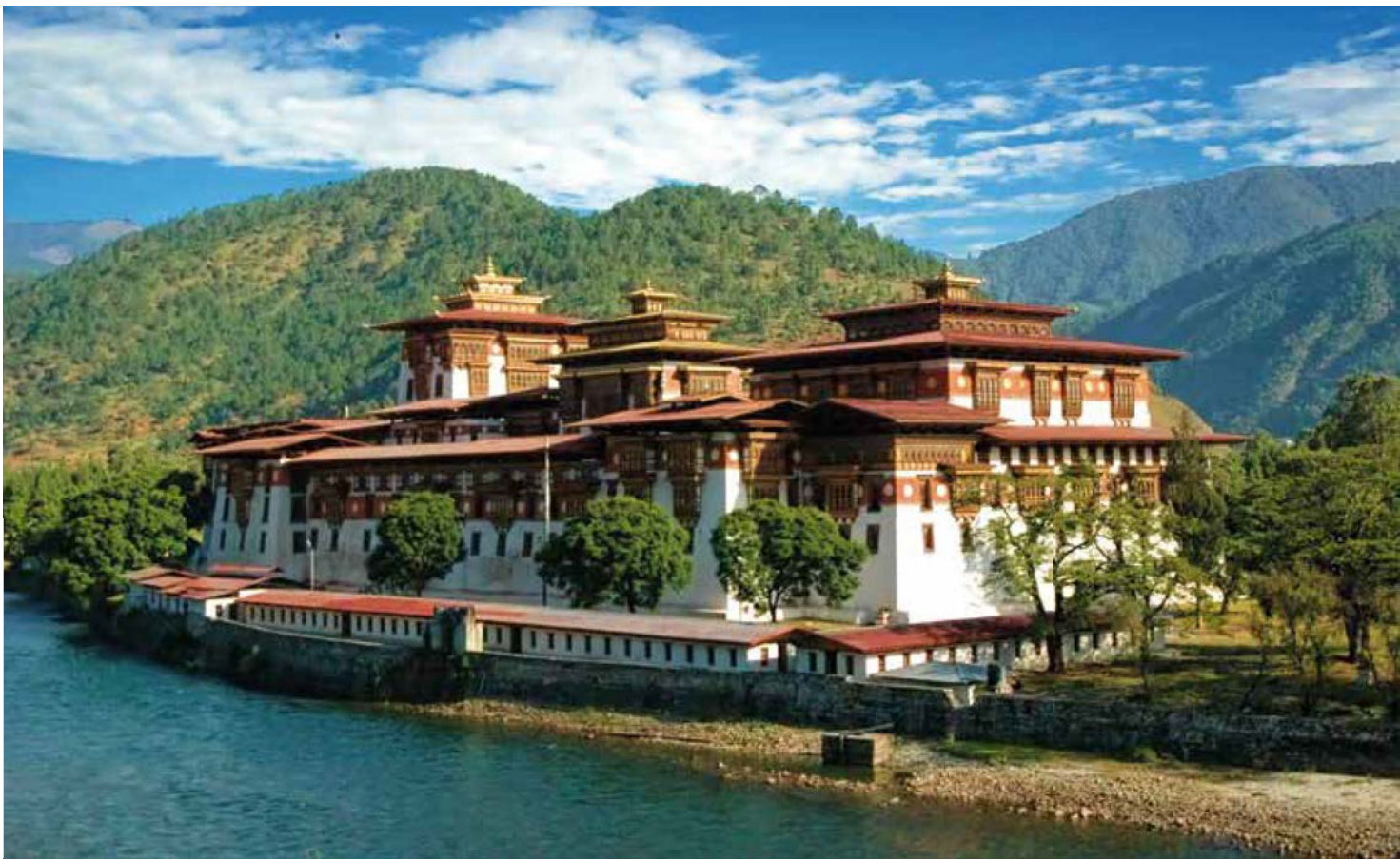
A maioria dos monges-astrólogos é formada no monastério de Pangri Zampa, próximo da capital, Thimphu. Enviados por seus pais, eles entram ainda crianças nesses locais de estudo e religião, outra das tradições mais arraigadas do país. Estão presentes ainda nos majestosos *dzongs* que dominam o panorama das cidades e servem como centros religiosos e administrativos dos distritos. Simbolizam a identidade e cultura butanesas com sua arquitetura típica: muralhas inclinadas, portas e entalhes de madeira, torres de pedra e paredes brancas.

MARAVILHAS DE THIMPHU

Thimphu é a única capital no mundo sem sinais de trânsito e até o final dos anos 1970 manteve seu aspecto rural. Com cerca de 100 mil habitantes, fica no vale do rio Wang Chu. Suas atrações causam impacto. O *dzong* Tashichoe de Thimphu, monastério-palácio do século 13, de onde o reino é governado, sedia a sala do trono, a secretaria de Sua Majestade e vários gabinetes governamentais, além de templos. Os entalhes e tetos estão entre os mais belos do país. As construções são cercadas por um jardim de cerejeiras enxertadas com pessegueiros que dão as boas-vindas ao visitante.

Em Chorten sente-se um clima de fé, respeito e paz neste templo construído em 1974 em memória de Wangchuk, o terceiro rei do país (avô do atual monarca), venerado como o pai do Butão moderno. Logo na entrada, rodas de oração são giradas em sentido horário enquanto monges recitam um mantra (“*Om Mani Padme Hum*”). Mais adiante, fiéis peregrinam ao redor do grande monumento branco e dourado enquanto oram, sempre com os *japamalas* (os rosários budistas) em mãos. Ali contabilizam quantas vezes um mantra é recitado.

O Simply Bhutan, instituição a céu aberto, guarda a cultura, o modo de vida, a arquitetura e os costumes do país. Foi levantado com a reutilização de material de casas tradicionais em vários ambientes. Ali acontecem exposições culturais ao vivo. No local, fica o célebre jardim dos Falos, uma homenagem ao falocentrismo no Butão, adotado no século 15 pelo lama budista Chimmi Lhakhang, ou Drukpa Kunley, apelidado de “O Louco Divino”. Em muitos outros lugares, na frente de mosteiros, casas e lojas de artesanato, você encontra falos esculpidos em madeira ou em pinturas. São os símbolos de fertilidade e, segundo os



O monastério-palácio Tashichoe, em Thimphu, é tão exuberante quanto os festivais folclóricos de um país incrustado nas alturas – seja na geografia ou no astral

butaneses, protegem dos espíritos malignos, do mau-olhado e das fofocas.

A Biblioteca Nacional, em Thimphu, guarda a história do reino impressa nos textos arcaicos em milhares de manuscritos e livros antigos, em sânscrito e em dzongkha, o idioma oficial, além de fotos da sorridente família real. Tudo alojado numa construção típica, com seus detalhes e entalhes em madeira que são o símbolo da bela tradição de artes e ofícios do país.

É no instituto Zorig Chusum que essa tradição se mantém ao longo do tempo. Costuma ser emocionante ser recebido por um mar de adolescentes de todas as regiões do reino para aprender uma profissão na principal instituição de ensino da rica cultura artesanal butanesa, onde é ensinada a *zorig chusum*, que significa “as 13 artes e ofícios do Butão”. Entre elas estão a pintura *thangka* em algodão e seda, a costura, a escultura. No ensino médio, as crianças podem escolher entre estudar ciências ou aprender artes e ofícios em escolas com moradia.

Ainda em Thimphu, uma visita interessante é ao museu têxtil. Ele abriga a coleção de roupas usadas pela família real desde 1907 e sua lojinha vende artesanato típico, como a *kira* (vestimenta feminina) e o *gho*

(traje masculino), toalhas, tecidos e outros itens de casa. Tradicionalmente usada pela população e confeccionada em diversos padrões, a *kira* é um conjunto de saia e casaco tipo quimono preso com um alfinete especial. O *gho* é um casaco longo com um meião comprido até os joelhos.

Dominando Thimphu, uma gigantesca estátua de Buda Dordenma (uma das maiores do mundo, com 59 metros de altura) paira sobre a paisagem, emanando paz e felicidade. No seu interior, há mais de 100 mil estatuetas de Buda feitas de bronze e um salão de meditação para os visitantes.

NO CENTRO DO PAÍS

De Thimphu, um caminho natural leva a Punakha em três horas de carro com parada obrigatória para ver a principal atração local, a passagem de Dochula, com seus 108 *chortens*. Punakha, a antiga capital do Butão, se situa na região central, a uma altitude de 2.250 metros, na confluência dos rios Pho Chhu e Mo Chhu (“Macho” e “Fêmea”). Ali imperam belos terraços de arroz e símbolos como o palácio da Grande Felicidade e o templo de Chimmi Lhakhang, dedicado à fertilidade e circundado por uma fileira de rodas de ora-



FOTOS GETTY MIGUEL MART, JORDI RAICH, ANDREW PEACOCK, CEDRIC FAVERO, TORSTEN VELDEN

ção com belíssimos entalhes de madeira. Nada mais exemplar nessa região verdejante e fecunda do país.

O palácio da Grande Felicidade (Punakha Dzong) é uma das mais belas e bem preservadas construções, pontuada por pátios, monastérios e pinturas. A fortaleza foi construída em 1637 e nela o primeiro rei, Ugyen Wangchuk, se viu coroado, em 1907. Um pedaço importante da história butanesa está registrado em suas paredes e portas de madeira.

O bom da região são as caminhadas. Percorrer os vales em *trekkings* guiados, como a rota Jhomolhari, é emocionante. Seu percurso atravessa florestas, rios, terraços de arroz, campos de milho, pomares – e oferece vistas das montanhas. O passeio também pode ser feito de bicicleta.

NINHO DO TIGRE, PARO E FESTIVAIS

Quando se fala no pequeno reino himalaio, é impossível não pensar em seu monumento mais célebre e sagrado, o Ninho do Tigre, ou mosteiro Taktshang, que paira a 3.120 metros de altitude em um penhasco cercado por bela floresta de pinheiros. Ele abriga sete templos e fica suspenso sobre o vale de Paro. Para chegar, a partir da base, são cerca de três horas de ca-

minhada, com paradas para admirar a paisagem arrebatadora. O monastério foi erigido no século 8º pelo guru Rinpoche, guia espiritual que trouxe o budismo para o país. Diz a lenda que o monge chegou ao local montado em um tigre – eis o motivo do nome. Na descida, vale programar com o seu hotel um piquenique na base da montanha.

Paro, com cerca de 42.000 habitantes e onde fica o Ninho do Tigre, tem admirável beleza cênica, com destaque para os cumes nevados do monte Chomolhari e os grandes desfiladeiros cortados pela água glacial que corre para o rio de mesmo nome. Isso faz da terra uma das mais férteis do reino, com seus belos terraços de arroz e frondosos pomares. Aliás, o Museu Nacional perfila elegantes galerias: coleções de pinturas, esculturas, estátuas e demais obras de arte, num total de cerca de 2.800 objetos que contam 1.500 anos de história. Outra atração é o Kichu Lhakhang, um dos templos mais antigos do país, construído ainda no século 7º. Ele conserva diversas relíquias sagradas do budismo.

O guru Rinpoche é reverenciado em várias cidades durante festivais como o Punakha Tshechu, realizado no fim de fevereiro ou início de março, a depender do calendário lunar. Quatro semanas mais tarde é a vez



A cultura do Butão tem especial apreço pelos sinos religiosos, os tecidos bem trabalhados, o arco e flecha (à direita, nas mãos do ex-primeiro-ministro Jigmi Y. Thinley) e a simbologia da Roda da Vida



FOTOS GETTY/KERRY WHITWORTH, PAULA BRONSTEIN

do Paro Tshechu, o mais importante festival religioso da cidade, que dura cinco dias. Neles, as danças mascaradas são destaque. Criadas antes da Idade Média, as *chams*, como são chamadas, foram coreografadas por grandes mestres budistas para transmitir mensagens espirituais ao povo. Os dançarinos se vestem com roupas coloridas e máscaras que remetem a seres mágicos. Os bailarinos se movem ao som de instrumentos típicos, como o *yangchen*, uma espécie de cítara, *drangyen* (alaúde), *chiwang* (violino) e *lim* (flauta). Caso você não esteja no país durante um dos *tshechus*, alguns hotéis mantêm apresentações regulares dessas danças.

Nos festivais e também no dia a dia é praticado o esporte nacional, o arco e flecha, com várias competições regionais e principalmente nas celebrações de Ano Novo (*Lhosar*). É praticado por homens e mulheres e, nos Jogos Olímpicos mais recentes, no Rio de Janeiro, o Butão foi representado por uma única atiradora, Karma (sem sobrenome, eliminada na primeira fase). A delegação butanesa se compôs apenas por duas mulheres – além de Karma, participou Lenchu Kunzang, do tiro esportivo, sem medalha.

Ao chegar do Butão a impressão que costuma ficar é de pureza. Que filtra tudo e transforma a todos que se deixam levar pela energia e pelo senso de comunidade, igualdade, bem-estar e beleza que permeiam o reino e seus habitantes. Quem vem até aqui nutre um só pensamento: voltar. 📍





Hospedagem pelos vales

Os lodges Six Senses e Amankora são destinos em si

Para dias de pura imersão e *reset*, com profundo conforto e explorações transformadoras no Butão, escolha os lodges do Aman e do Six Senses. Com sua mistura indelével de bem-estar, sustentabilidade e luxo orgânico, ambos acumulam prêmios ano após ano. Aman e Six Senses têm unidades nos cinco vales centrais e ocidentais do país: Paro, Thimphu, Punakha, Gangtey e Bumthang. E não há nada melhor que se hospedar em lugares que personificam a energia leve e rarefeita do Reino da Felicidade.

SIX SENSES HOTELS RESORTS & SPAS

A rede inaugurou seus lodges em 2019 e em cada um exibe madeira clara e pedra nos ambientes e nos cenários que fazem o hóspede se sentir em outro mundo. Das suítes e vilas amplas e contemporâneas aos restaurantes com menus de sabores regionais e pratos internacionais, tudo é saudável e gostoso. E tem ainda o adorável Integrated Wellness Six Senses, com tratamentos e terapias asiáticas, tibetanas e butanesas como o *dotsho* (banho de pedras quentes,

com ervas). Tudo é pensado para que você conheça o melhor de cada região no seu *khamsa* (passeio real). sixsenses.com/en/resorts/bhutan

AMANKORA, AMAN

Os cinco lodges do Amankora – “paz e peregrinação” – evocam o supremo conforto e o serviço da rede Aman em ambientes integrados à natureza, com gastronomia local ou internacional. A programação personalizada inclui palestras com especialistas em felicidade, bem-estar, terapias holísticas (a massagem e o banho com pedras quentes são dos deuses!), leituras astrológicas e roteiros com vivências interiores – da ioga com mestres aos *trekkings* pelas montanhas. Agradam o clima zen e o estilo *chic-clean* das suítes de madeira clara com janelas do chão ao teto e grandes banheiras com vista para as montanhas. Isso sem mencionar os cremes e tratamentos da marca Aman, com aromas inebriantes que trazem para o corpo um pouco da ancestralidade dos ingredientes locais. aman.com/resorts/amankora



CONHEÇA OS BENEFÍCIOS EXCLUSIVOS UNQUIET

Para mais detalhes acione o QR code ao lado ou acesse revistaunquiet.com.br



MAPA ANTÔNIO TAVARES



Um dos cinco lodges do Six Senses (acima) e o Amankora. Estadas inesquecíveis para os viajantes

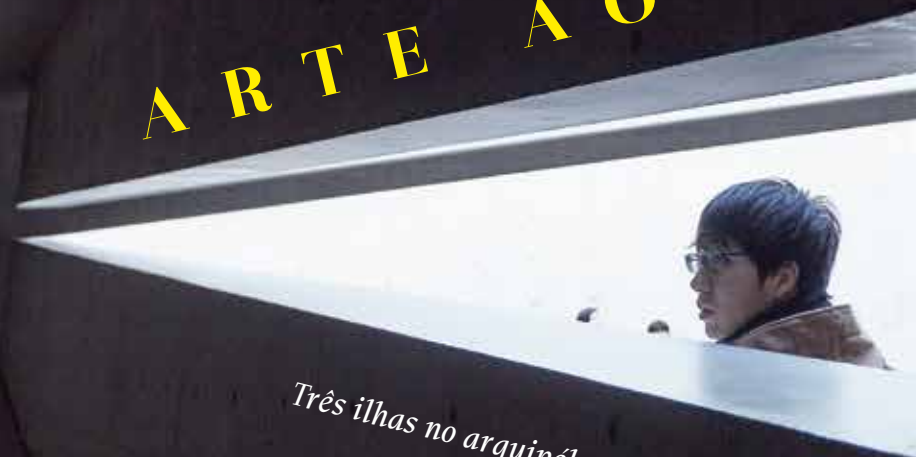


Pumpkin, de Yayoi Kusama, no pier de Naoshima, é um dos cartões-postais mais fotografados do Japão

FOTOS MAURICIO NAHAS, UNSPLASH

ARTE

ARTE AO AR LIVRE



Três ilhas no arquipélago do mar de Seto, no Japão, guardam e exibem o melhor da produção artística contemporânea
POR ERIK SADAQ, DO JAPÃO

Imagine um lugar onde museus enormes, com estruturas espetaculares, funcionam ao ar livre, em cenários magníficos – ilhas e montanhas vulcânicas. Um local onde obras e instalações de arte contemporânea dividem espaço com vilas minúsculas, quase secretas, guardiãs da cultura de um povo admirado pela gentileza, pela busca da perfeição no servir, pelo respeito e pelo senso de coletivo. Em outras palavras: poucos países podem competir com o Japão em matéria de instituições culturais a céu aberto.

A relação do japonês com a arte moderna ocidental foi reforçada após a Segunda Guerra Mundial (1939-1945), quando o arquipélago experimentou o desenvolvimento econômico mais acelerado do século 20. Desde a década de 1950, colecionadores japoneses são presença constante e celebrada nos leilões, mostras e galerias. Como resultado, o Japão concentra no momento algumas das coleções mais notáveis do mundo.

Há dois motivos para isso. O primeiro é a relação com o espaço. Ele é diminuto no dia a dia das metrópoles, e espartano fora delas. Por isso, o japonês adora atividades *outdoor*. A segunda razão é o respeito ao outro e ao bem-estar de todos. Essa atitude, arraigada na alma de cada cidadão, talvez explique a rápida transformação do Japão em potência mundial. Como arte e cultura são essenciais ao desenvolvimento dos povos, elas precisam estar disponíveis para todos. Ignore, portanto, o lamentável e isolado episódio do excêntrico

O Japão concentra hoje algumas das mais notáveis coleções de peças contemporâneas do mundo

Obra de concreto do arquiteto Tadao Ando na ilha de Naoshima, a Benesse House (1992) é um museu onde você pode se hospedar

MAURICIO NAHAS





milionário que exigiu em testamento a cremação do quadro *O Retrato do Dr. Gachet*, de Van Gogh. No Japão, coleções, públicas ou particulares, aguardam sua visita. Vamos nos concentrar aqui na arte contemporânea espalhada pelas ilhas do mar interno de Seto.

AS ILHAS SETO

O bilionário Soichiro Fukutake, herdeiro da Fukutake Publishing, especializada em ensino a distância, é quem comanda o complexo artístico de Benesse. Após a morte do pai, em 1986, ele voltou à vila de Okayama, onde nasceu há 75 anos. Foi tocar pessoalmente a construção de um parque infantil na vizinha ilha de Naoshima. E ali conheceu de perto a história da região, degradada após anos de exploração industrial primitiva.

O antigo modo de viver, mais próximo da atitude modesta que o japonês mantinha antes do surgimento das supermetrópoles, fez com que Fukutake colocasse em xeque seus valores. Ele comprovou: a modernização se conectava diretamente à urbanização. Esta, por sua vez, destruía a cultura e a história regionais, na tentativa de criar o “novo”. Para comemorar sua transformação pessoal, rebatizou de vez a Fukutake Publishing de Benesse – “viver bem” em latim.

Criticar e alertar a sociedade dita globalizada sobre seu estilo de vida. Eis o objetivo da arte exibida nas ilhas de Naoshima, Teshima e Inujima. Esculturas e instalações de japoneses e estrangeiros dividem o espaço com antigas casas de pescadores e construções históricas do período Edo (1603-1868, época em que o Japão conheceu uma paz duradoura e grande desenvolvimento). O processo idealizado por Soichiro Fukutake funcionou: manteve o ritmo normal da vida dos moradores, que se acostumaram aos visitantes contemplando obras no quintal de suas casas.

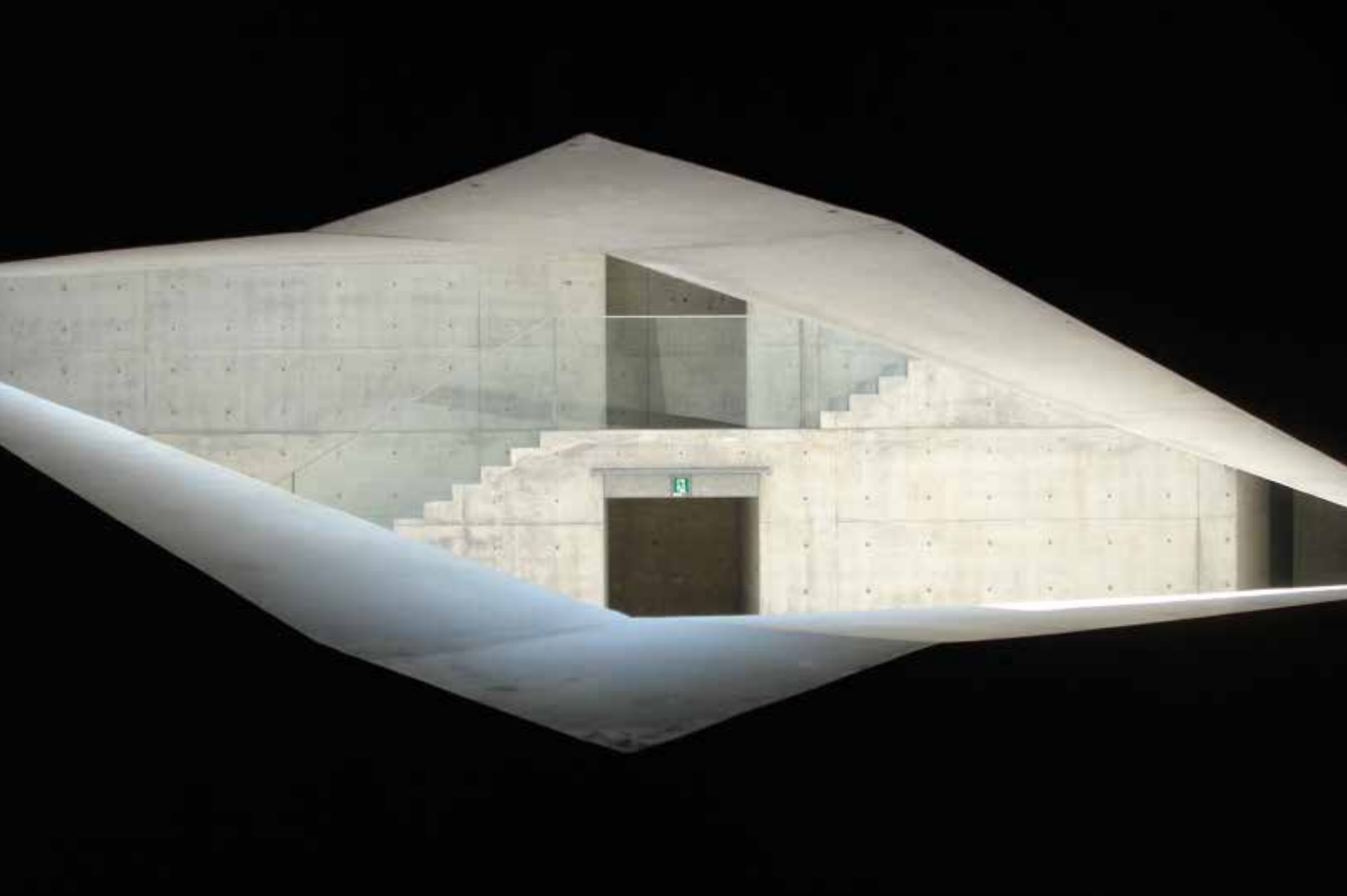
Alguns aproveitaram para ganhar algum dinheiro: abriram pequenos cafés ou casas de chá. A maioria é grata à arte que tomou o lugar das fábricas. Graças a ela, os moradores continuam com a pesca. Atividade que, aliás, depende do equilíbrio natural para existir.

Estrutura Sinfônica, de Gabriel Loire; tori (portal tradicional); e as obras Woods of Net e Traffic Cones. À direita, Glass Staircase, escultura de pedra e vidro de Hiroshi Sugimoto, no santuário Gohh. Todas as obras ficam em Naoshima

Curioso: obras de ultravanguarda estão fincadas em ilhas onde moram pescadores

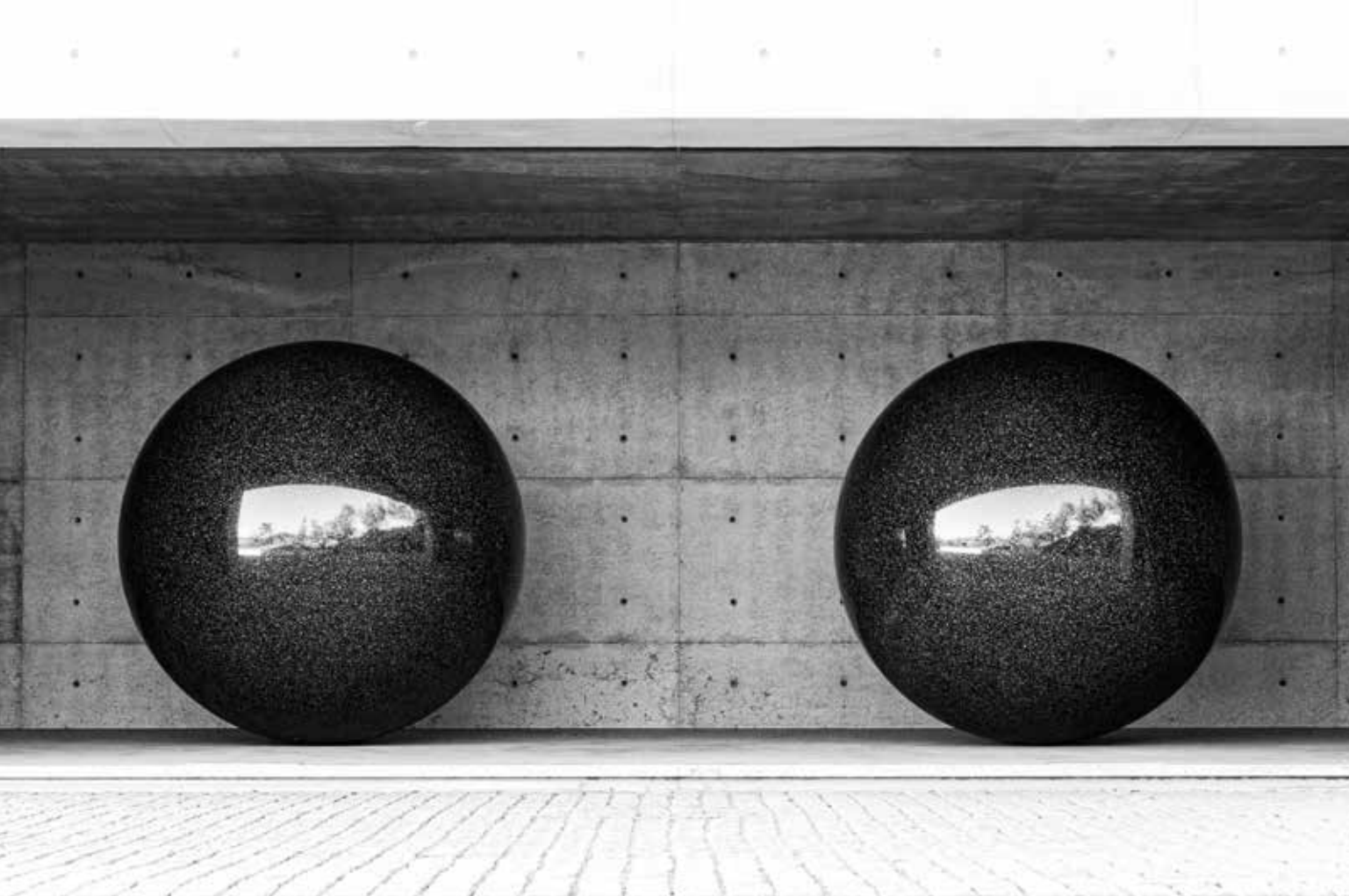


FOTOS CREATIVE COMMON. FOTOARENA, REPRODUÇÃO



GETTY IMAGES

Na página à esquerda,
o Chichu Art Museum
em Naoshima e o píer em
Kagawa, ilha de Teshima.
Aqui, o café Matrix no
Teshima Art Museum,
projeto de Ryūe Nishizawa

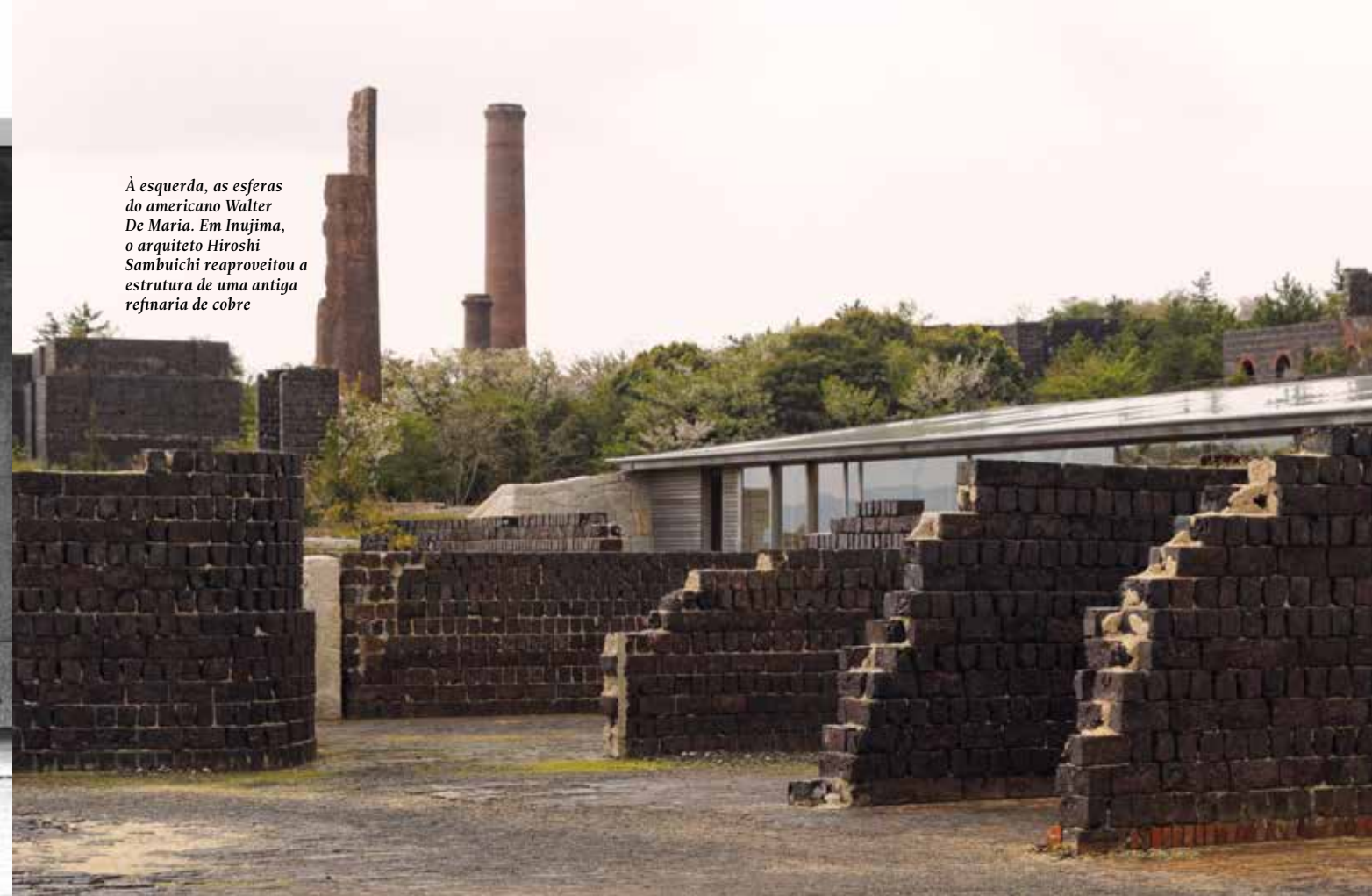


Os museus das três ilhas foram projetados por arquitetos importantes, como o japonês Tadao Ando

DE BIKE POR NAOSHIMA

A coleção de Naoshima ganha peças de tempos em tempos, graças às aguardadas mostras da Benesse. Em 1994, a inconfundível *Pumpkin*, a abóbora amarela com bolinhas pretas de Yayoi Kusama, foi a estrela da exposição *Open Air '94 Out of Bounds*. A ideia era pensar sobre a coexistência entre natureza, arte e arquitetura – e também arrecadar fundos para a construção da ponte entre Naoshima e o mundo exterior. Assim, o píer onde a abóbora foi instalada se tornou um dos cartões-postais mais clicados do Japão.

Outra obra famosa, os letreiros em neon que formam *100 Live and Die*, do americano Bruce Nauman, foi instalada no átrio do museu-hotel Benesse House. A cada seis minutos, as palavras “live/die” piscam simultaneamente. Que tal refletir com mais profundidade sobre a dicotomia viver-morrer? Inaugurada em 1992 com projeto do arquiteto Tadao Ando, a Benesse House ganhou na sequência o Benesse Park and Beach. Trata-se de uma extensão com vãos abertos até a praia, que abrigam quartos e um restaurante com vista para o mar. Obras como *Coffin of Light e Conceptual Moss*, de Hiroshi Sugimoto, decoram o foyer do Benesse Park – e só podem ser apreciadas por quem lá se hospeda.



À esquerda, as esferas do americano Walter De Maria. Em Inujima, o arquiteto Hiroshi Sambuichi reaproveitou a estrutura de uma antiga refinaria de cobre

Você pode andar por Naoshima de *bike* ou de micro-ônibus. Para ver de perto as instalações, caminhe. No verão, uma das mais concorridas é a *Cultural Melting Bath: Project for Naoshima*, do chinês Cai Guo-Qiang. A piscina instalada no sopé de uma colina, de acordo com os pontos *chii*, do *feng shui*, pode ser usada pelos visitantes. Uma curiosidade: a obra é parte de um projeto da Benesse, datado de 1995, para premiar talentos da Bienal de Veneza, na Itália. Já o *onsen* para banhos de águas termais batizado de *Naoshima Bath*, decorado com mosaicos, é criação dos moradores. Uma excelente maneira de rejuvenescer em meio à arte. Preste atenção na discreta indicação das peças que ornamentam as sete casas históricas restauradas pelos projetos Kadoya e Kinza e simbolizam a religiosidade e as crenças regionais.

O Chichu Art Museum (2004), imensa casa de concreto – o material predileto de Tadao Ando –, reúne em seu interior três nomes de peso. Claude Monet está ali com cinco telas da série *Nenúfares*, pintadas pelo impressionista em Giverny. O californiano Walter De Maria participa com *Seen/Unseen/Unknown* (2000) e *Time/Timeless/No Time* (2004), impressionantes esferas de 2,2 metros de diâmetro. Finalmente, seu conterrâneo James Turrell assina *Afrum Pale Blue*, *Open Field* e *Open*

Sky. Dedique ao menos um dia inteiro para conhecer Chichu.

INUJIMA: SOCIEDADE RECICLÁVEL

Recrutado pela Benesse para tornar a pequena Inujima uma *seirenscho* (ilha-museu), o arquiteto Hiroshi Sambuichi moldou estruturas que complementam e preservam os vestígios de uma refinaria de cobre. O conceito? Usar o existente para revelar “o que está por vir”. A revitalização e a adaptação de Inujima terminou em 2010 para o festival de arte das ilhas Seto. Na maioria, os prédios guardam trabalhos de Yanagi Yukinori. A enorme instalação do artista, que estende seus tentáculos por todos os pontos intactos da antiga refinaria, é extraordinária.

Outras peças ocupam gazebos e armazéns. A instalação *Illuminated Sun*, neons com as cores e as formas da bandeira do Japão, em referência ao Deus-Sol, pode ser vista do pátio da casa onde está instalada. Dois enormes jardins de espelhos separam o visitante das luzes. No caminho, o reflexo do Sol real e das luzes se mescla à imagem do visitante. Em outra pequena casa, com um jardim bem-cuidado, janelas refletem a íris dos olhos, na instalação *Eyeball Flower Garden*. Do lado de fora, em meio às flores, você tem a im-



pressão de ser observado através das janelas. Ao entrar na casa, os fantasmas do passado surgem: cenas de destruição ambiental propõem a transição passado-futuro, até o ponto em que virá a sociedade reciclável.

Dentre as obras feitas por artistas estrangeiros, que dividem as atenções com os trabalhos de Yanagi Yukinori em Inujima, está a incrível instalação *Yellow Flower Dream*, parte do projeto *A-Art House, Okayama*, da brasileira Beatriz Milhazes [leia a seguir entrevista exclusiva]. Distribuídos por várias galerias, os painéis coloridos de Milhazes se destacam como reflexos da vida cotidiana, da natureza e da geometria insulares.

TESHIMA: ARTE NOS ARROZAIAS

Teshima, com seus enormes campos de arroz, imagem recorrente no imaginário coletivo sobre o país do Sol Nascente, é a mais recente adição ao projeto Benesse. Encarregado de levantar o Teshima Art Museum, o arquiteto Ryûe Nishizawa construiu prédios com formas orgânicas no alto de uma colina. Rei Nato, responsável pelas primeiras instalações, comprovou como a natureza cresce sem a interferência humana. Até 2010 a ilha servia como depósito de lixo industrial das

refinarias e fábricas ao largo da baía de Seto. O trabalho sensorial do artista deu a oportunidade de interação ambiental via elementos naturais. É o que acontece com a luz solar no célebre prédio oval plantado parcialmente sobre uma montanha.

Foi num santuário velho de séculos que se instalou a obra *Les Archives du Coeur*, do francês Christian Boltanski, especializado há 12 anos em registrar batimentos cardíacos em áudio. O visitante é convidado a ouvir o coração de um desconhecido enquanto aprecia a vista impactante do oceano. Rumo à sala dos áudios, um corredor de luz única, revestido por espelhos, aumenta o ritmo do coração do próprio visitante. Nada melhor que viver em tempo real a arte que mudou para valer vidas humanas.

GUNTÛ: UM RYOKAN FLUTUANTE

Fazer de barco o roteiro da arte no arquipélago de Seto é uma delícia. O *Guntû* (pronuncia-se *gantsu*) foi batizado em homenagem ao popular caranguejo da região. A embarcação, lançada ao mar em 2017, é de um luxo asiático, como dizem os portugueses. É difícil compará-la com qualquer outro navio comercial.

Seu desenho interno, muito elegante, reproduz o dos *ryokan*, as tradicionais hospedarias. As amplas



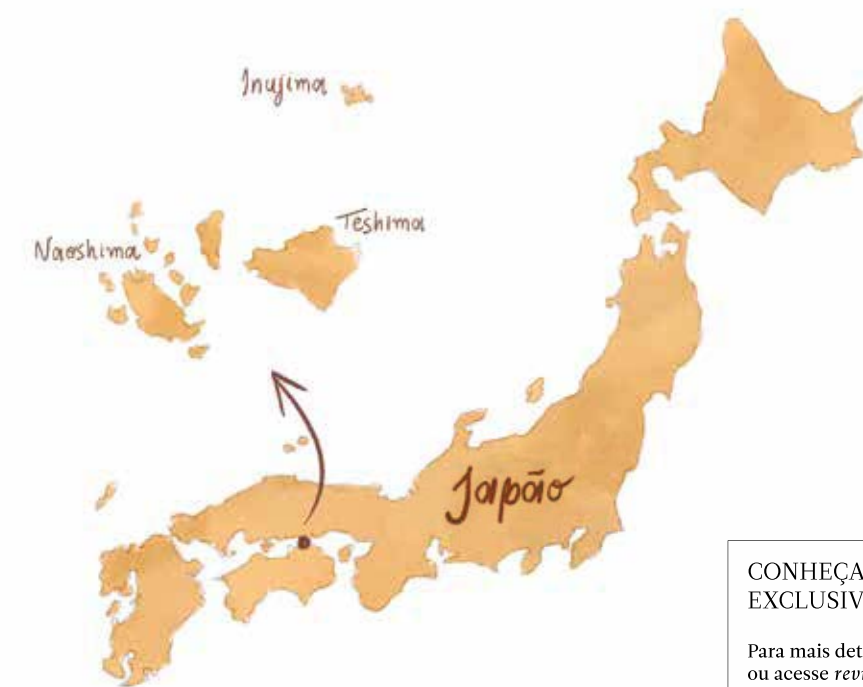
THE REAL JAPAN

À esquerda, o barco Guntû. Ele tem ofurôs com vista panorâmica nos terraços

suítes são equipadas com ofurôs. Igualmente amplos são o café, os restaurantes, a sala de chá, a biblioteca, o spa. Um *sushi bar* à antiga, assinado pelo ex-*chef* do lendário hotel Okura, fica de prontidão. Pode atender privativamente qualquer hóspede. Um outro, com menu variado, serve peixes, frutos do mar e fartas peças de *Kobe beef* trazidas a bordo a cada parada.

Por meio do sistema de comunicação das cabines, você se informa sobre cada abastecimento. No deque principal, um *chef* prepara pequenas

amostras do que será servido ao longo da viagem. Absolutamente tudo está incluído: passeios guiados, vinhos franceses, chás e uísques japoneses de altíssimo padrão (disponíveis nas cabines, eles têm a companhia das melhores marcas de *scotch* e *bourbon*). O spa, equipado com excelentes cosméticos japoneses, tem um *onsen* abastecido por um reservatório de águas termais. Tudo para não deixar dúvida de que, mesmo em alto-mar, você está a bordo de um legítimo *ryokan*. 📍



MAPA ANTÔNIO TAVARES

CONHEÇA OS BENEFÍCIOS EXCLUSIVOS UNQUIET

Para mais detalhes acione o QR code ao lado ou acesse revistaunquiet.com.br





ENTREVISTA EXCLUSIVA

Um projeto mágico

A artista plástica brasileira Beatriz Milhazes fala da obra que realizou na ilha de Inujima

POR WALDICK JATOBÁ

Yellow Flower Dream é o nome do trabalho que a artista plástica brasileira Beatriz Milhazes criou para o *Art House Project - A-Art House** na ilha de Inujima, no Japão. A obra representa, por meio de cores repletas de energia, uma paisagem virtual que retrata a vitalidade da arquitetura e do cotidiano local, desdobrando-se na natureza de Inujima.

O *Inujima Art House Project* é uma parte das atividades relacionadas à arte, ligada ao Benesse Art Site Naoshima, conduzido pela Benesse Holdings, Inc. e pela fundação Fukutake nas ilhas de Naoshima, Teshima e Inujima. Seu objetivo é criar espaços significativos em ressonância com a natureza da região do mar de Seto. Numa de suas raríssimas entrevistas, Beatriz Milhazes falou sobre o assunto.

UNQUIET_ Como surgiram as ideias e o convite para esse projeto?

Beatriz Milhazes – São três ilhas que compõem o projeto de recuperação dessa área do mar de Seto

– Naoshima, Teshima e Inujima –, realizado pela fundação Fukutake. A arte faz parte de um dos segmentos dessa revitalização das comunidades locais. O convite veio de Yuko Hasegawa, diretora artística das Inujima Art-Houses, desenvolvidas pela arquiteta Kazuyo Sejima, do grupo Sanna.

Você já conhecia o museu de Naoshima?

Fui conhecer Naoshima e o Benesse Museum depois de ter sido convidada para desenvolver um trabalho em Inujima. Para a minha criação era muito importante compreender todo o projeto da fundação na região. Arte, agricultura, biodiversidade e turismo são segmentos centrais que fizeram com que as ilhas deixassem o estado de isolamento em que se encontravam. É muito importante para a fundação incorporar as comunidades que ali vivem com esses projetos. A inclusão é fundamental para o sucesso da ação, que visa a melhoria social e econômica dos moradores locais.

Existe alguma relação entre o trabalho e a história da ilha? Inujima é a ilha que concentra a maior população idosa: você pensou em algo específico com esse *insight* em mente?

A ilha de Inujima tem uma população inferior a 40 habitantes, com idade média de 80 anos. A maioria das casas que você vê ao chegar ao local estão vazias. O projeto das Art-Houses em Inujima foi desenvolvido pela arquiteta Kazuyo Sejima, que trabalhou em dois pontos principais: as casas que já haviam sido destruídas pelo tempo, deixando apenas os terrenos, e as casas que poderiam ser apropriadas para uma intervenção artística. A *A-Art House* (os projetos foram nomeados com letras) foi desenhada e construída num terreno onde existiu uma casa, cercada por outras residências, algumas habitadas. Ela tem forma de uma flor, uma margarida, e o “miolo” dessa flor é sem cobertura e tem um gramado que funciona como um pátio interno. **Quais os materiais utilizados?**

Ela é toda de acrílico transparente, com teto e piso na área das pétalas. Existia uma obra já realizada pela arquiteta – e minha colaboração precisava respeitar algumas questões importantes para a Kazuyo: a transparência das paredes, para que de qualquer ângulo de visão, dentro ou fora da casa, se pudesse ver os vizinhos e jardins em torno; e era preciso usar como referência as hortas e jardins daquela parte da ilha. A região tem uma predominância de dias nublados, e nas minhas conversas com

a comunidade local, me pediram muito para ter a luz do Sol e trazer mais cores para o local.

Como você atendeu esses dois pedidos?

Com a ideia do Sol em mente construí painéis de vidro nos quais desenhei “paisagens imaginárias” aplicadas com recortes de vinil adesivo transparente, colocados nos vértices das “pétalas da margarida”. Pinte o teto e o piso de amarelo, o que realmente trouxe luz. A *A-Art House* tem um jardim em torno que está sendo ativado para melhor integrar toda a vizinhança. Meu convite para a comunidade da ilha é que utilizem a casa para seus encontros e eventos sociais, que ela possa fazer parte da rotina de vida deles. *Yellow Flower Dream* é um grande passeio para uma experiência interativa, quase meditativa, pois integra o seu exterior ao interior de maneira natural, com beleza.

Você precisa modelar o trabalho durante o processo de criação?

Sim, normalmente trabalho com maquetes do espaço para sentir qual a melhor ideia. É fundamental que se visualize em 3-D a ideia que se tem desenhada. Não trabalho com o mundo digital, prefiro a experiência física, construída. Os desenhos para os painéis foram feitos na escala e depois selecionei as cores com base nos catálogos de vinhos adesivos. São etapas que vão se construindo aos poucos e separadamente, até se transformarem no produto final.

Você acompanhou a montagem, a instalação da obra?

Acompanhei todo o processo de produção de longe. Eles enviaram fotos de cada etapa com muito cuidado e atenção. A empresa que desenvolveu e aplicou os recortes de vinil adesivo sobre os painéis de vidro já havia trabalhado em um outro projeto meu com o mesmo material para a fachada do MOT – Museu de Arte Contemporânea de Tóquio. Sempre gosto de trabalhar com equipes que já entendem o meu trabalho e sabem como executá-lo com precisão. Os técnicos que irão finalmente “traduzir” meus desenhos e projetos originais para a realidade são parte fundamental para que a obra seja bem-sucedida.

Nesse trabalho você exercita o tridimensional, diferentemente de suas pinturas, que são bidimensionais. Como foi essa experiência?

Nesse trabalho aconteceu algo único. Foi a construção de um espaço arquitetônico que pode ser habitado, utilizado para atividades diversas, ser uma “casa” de atividades imprevisíveis. Para mim, *Yellow Flower Dream* é um espaço mágico.

(*) Para mais detalhes visite o site benesse-artsite.jp

ESPORTE

DESCOBERTA NAS MALDIVAS

*Surfar sozinho ondas perfeitas e desconhecidas
numa das mais belas paisagens do planeta – isto é luxo*

POR ADRIAN KOJIN, DA ILHA DE SONEVA



P

osso tirar seus sapatos? Como todo viajante que pretende aproveitar ao máximo seu destino, fiz minha lição de casa antes de partir para as ilhas Maldivas. Foi quando topei pela primeira vez com a expressão “luxo inteligente”. Ela é utilizada para explicar o que me esperava no Soneva Fushi, um dos mais premiados e luxuosos resorts do planeta, onde eu passaria seis dias.

Proprietário do hotel, que completou 25 anos em 2020, o britânico de origem indiana Sonu Shivdasani afirma que a ideia de “luxo” mudou. Deixou de indicar o supérfluo, o excessivo. Virou sinônimo de paz, tempo, espaço físico. “Luxo é a sua ligação com a natureza”, diz ele. “É por isso que ficamos o mais distante possível do ambiente urbano.”

Muito interessante como teoria, mas minha dúvida era como isso se traduziria na prática. A resposta surgiu no momento em que deixei o hidroavião privado que me trouxera de Malé, a capital das Maldivas, arquipélago a sudoeste da Índia, no oceano Índico, e entrei no barco rumo à ilha de Kunfunadhoo. Ela é hoje conhecida como Soneva Island, a ilha de Soneva. O nome junta o de Sonu ao de sua mulher, a sueca Eva.

Assim que desembarquei, me convidaram a ficar descalço – e desligar a internet. Os tênis, colocados num saquinho de pano com meu nome, seriam devolvidos no dia de ir embora. “*No shoes, no news.*” Paraíso.

Descalço segui para a “Villa 52” e descalço entrei. A casa, de muito bom gosto, acolhe até quatro pessoas. Na hora de comer, ainda sem ter certeza do que fazer, calcei o par de havaianas novinhas que trouxera do Brasil. Escolha errada. Todos os demais hóspedes estavam descalços.

Ótimo, pensei. Quanto menos frescura, melhor. Resorts luxuosos nunca foram minha praia. Ainda em São Paulo, ao saber que viria justamente para um dos mais celebrados, fiquei ansioso. Não sabia como me vestir. Mas logo percebi que trouxera roupa demais – bastavam os calções de surfe e as camisetas. Aliás os calções não poderiam faltar. Eu pretendia vivenciar todas as atividades – principalmente o *eco-friendly surfing*, o “surfe amigo do meio ambiente”.

A preocupação do Soneva com a sustentabilidade – entre outras ações, o uso de plástico foi banido na ilha e os corais são protegidos por um programa de recuperação – começa na recomendação para que os

As Maldivas ficam no Índico, longe de tudo. Mas, hospedado na ilha de Soneva, você se sente em casa



Sonu Shivasani e Soneva (à direita).
A ilha combina o nome do proprietário
com o de sua mulher, Eva

visitantes não tragam suas próprias pranchas. Você usa as deles, da renomada marca Firewire. Apesar de haver deixado em casa a minha, fabricada a partir de derivados de petróleo, foi uma decisão difícil. Acabei escolhendo uma Firewire de teca, madeira nobre e levíssima, usada em móveis e deques de veleiros e lanchas.

Não basta, porém, ter a tábua certa quando as ondas não aparecem. Segundo o guia de surfe Kochey, isso só aconteceria quando o vento mudasse. Naquela hora, ele soprava forte de noroeste. Todos os sites meteorológicos confiáveis asseguravam: o vento permaneceria estável. Kochey, querendo dar alguma esperança, marcou uma saída de barco para o atol de Baa dali a dois dias. Ele acreditava que o noroeste ao menos diminuiria de intensidade.

Baa ainda é pouco explorado quanto ao seu potencial de produzir ondulação de qualidade internacional. De acordo com as escassas informações na internet, 13 picos já foram batizados, mas apenas quatro são surfados com regularidade. O atol abrange 75 ilhas – 13 delas habitadas –, onde vivem 11 mil pessoas. Reserva mundial da biosfera (Unesco) desde 2011, Baa tem ilhotas que só podem ser visitadas com autorização explícita. A maioria das praias nunca viu a cor de uma prancha.

Formada por 1.196 ilhas agrupadas em 26 atóis no oceano Índico, a república das Maldivas é uma cadeia de recifes vulcânicos de coral alinhada de norte a sul, com 820 quilômetros de comprimento. Sem jamais ultrapassar os 2 metros acima do nível do mar (é o país mais baixo

do mundo), as Maldivas têm uma condição geográfica peculiar. O espetáculo visual é inigualável, principalmente quando avistado do céu. Para quem pega onda, os *surfing points* mais visitados ficam perto de Malé, a capital. No atol de Baa, menos exposto às ondulações de sul predominantes de abril a outubro, as ondas são um pouco menores. Mas não menos perfeitas.

Levando em conta a força do vento e a disponibilidade de um arsenal de equipamento para *kitesurf* e *windsurf*, e até um catamarã Hobie-Cat, sobrou o que fazer enquanto eu esperava. E para o mar eu fui.

Estava programado, para o dia seguinte, um mergulho entre arraia manta. Mas a bióloga marinha Hanna Harries, inglesa





Você chega em Soneva de hidroavião. E pode ir direto para o restaurante Out of the Blue (página da esquerda). Ou então para o Fresh in the Garden, que utiliza o sistema garden to table – da horta para a mesa. Os piqueniques no atol em frente ao hotel são inesquecíveis

encarregada da fauna subaquática, alertou: as mantas acabavam de ser avistadas. Um barco sairia em 15 minutos. Era pegar ou largar.

Peguei. Para quem cresceu acompanhando as aventuras submarinas do lendário francês Jacques Cousteau (1910-1997), oficial naval, explorador, pesquisador, cineasta e conservacionista, o universo subaquático é fascinante. Uma frase de Cousteau me marcou: “Fiz filmes sobre o mar porque acredito que as pessoas protegem o que amam”.

Foi memorável cair n’água entre seis peixes cartilaginosos em Baa. Eles aproveitam o plâncton preso no interior do atol para se fartarem de comida. Um russo e eu tiramos a sorte grande. Mergulhamos só os dois, por 40 minutos. Num inglês fluente, ele me contou indignado o acidente ambiental que acabara de acontecer em Kamchatka, no extremo leste russo, na Sibéria Oriental, nas proximidades do Japão. Que maravilha estar num lugar onde os recursos marinhos têm a devida valorização.

De volta ao hotel, fui almoçar no Out of the Blue, impressionante construção de madeira debruçada sobre o oceano. Pedi um *poke* especial do *chef*, com *sashimi* de entrada. Fiquei apreciando os detalhes curvilíneos do restaurante, que poderia ter sido assinado pelo arquiteto catalão Antoni Gaudí (1852-1926), caso ele trabalhasse com madeira, e não com pedra.

Próximo passo: assistir ao Sol se pondo num banco de areia ao lado do resort. Entre petiscos grelhados nas churrasqueiras e goles de um refrescante vinho branco, tive o prazer de bater papo com funcionários de alta patente, como o diretor de projetos e engenharia do Soneva, Eduardo Calvo. É um espanhol simpático, casado com a brasileira Anita Gomes, gerente de *lifestyle* do hotel.

Eduardo me convidou para jantar no dia seguinte no Fresh in the Garden, seu restaurante predileto na ilha. Ali funciona o sistema *garden to table*: pratos preparados com ingredientes colhidos fresquinhos na horta orgânica, ao lado da qual estão dispostas a cozinha e as mesas. Dá para ver exatamente de qual canteiro saiu a salada.

Antes do jantar, Eduardo me levou para conhecer as recém-construídas *Water Villas*. Distribuídas mar adentro ao longo de um píer também curvilíneo,





*Um drinque no Cinema Paradiso, ao ar livre;
o spa à beira mar; ou sombra e água fresca na rede:
a vida é maravilhosa nas Maldivas*

Pegar ondas de 2 metros e descansar com todo o conforto após o esporte. Quem quer outra vida?

cada uma delas tem piscina particular e um tobogã que despeja o cliente direto no mar. Impressionado diante de tanto conforto, minha atenção se concentrava nas explicações de Eduardo: madeira certificada, método sustentável para purificar a água da piscina, tratamento integral do esgoto. Até que a primeira série de ondas entrou.

Urruuuu! Sem querer, deixei Eduardo falando sozinho. Aquilo era real? As ondas entravam alinhadas, uma atrás da outra, quatro delas marchando em formação simétrica, até quebrarem redondinhas na bancada de coral em frente às vilas. O terral, vento que esculpe a face da onda no formato ideal, soprava suavemente.

Como era possível? O fato é que estavam ali, bem debaixo do meu nariz. O impulso foi o de sair correndo, pegar uma prancha e me atirar no mar. O Sol, porém, já encostava na linha do horizonte. Não ia dar tempo.

O jantar com Anita e Eduardo foi memorável. Deixamos a escolha dos pratos a cargo do *chef*, nascido no Sri Lanka, país de magnífica tradição culinária. Embalado pelo vinho, fui dormir. Queria que o dia seguinte chegasse logo. Acordar cedo e conferir se o *swell* continuava.

Despertei com uma mensagem – a saída do barco, marcada para as 10h30, tinha sido cancelada. Mas não me preocupei. Na tarde anterior, eu já havia mapeado como sair remando, contornar o recife e me posicionar no ponto certo, sem riscos. Passei pelo centro de esportes

náuticos. Perguntei a Kochey por que ele não me avisara que poderia surfar bem ali. Sem jeito, ele disfarçou, falando da pouca profundidade, que as ondas eram curtas etc. etc. etc. Era nítida a preocupação dele com minha segurança. Exagerada, porém compreensível.

Naquele dia e nos seguintes, tive longas sessões de surfe de sonho, que ficarão para sempre na minha memória. Não sei como, ainda restou energia para remar de SUP com Sonu; provar um jantar magnífico assinado pelo renomado sushiman nipônico Akira Koba; conhecer o *playground* monitorado, onde a criançada se divertia a valer sem a presença dos pais; ir à loja de diamantes lapidados no Japão; e assistir a uma sessão de cinema sob as estrelas, num anfiteatro cercado pela mata e pelo mar.

Isso sem falar no que deixei de fazer. Seis dias é pouco para tantas possibilidades. Basta dizer que nada poderia ser melhor para um surfista se recuperar das muitas horas se exercitando na água sob um sol forte do que uma passagem pelo Six Senses

Spa, disponível para os hóspedes do Soneva Fushi. Massagem, meditação, ioga, tudo conduzido por especialistas em terapias holísticas numa instalação de frente para o mar.

Vou parar por aqui. Apelo apenas à imaginação dos leitores. Especialmente aos que gostam de pegar onda. Pensem no mar mais verde e transparente que puderem, e depois visualizem paredes líquidas, rápidas e tubulares, sorrindo pra você. Algumas com 2 metros de altura. Foram momentos mágicos.

Não sem razão, sentado na prancha à espera de uma nova série de ondas, me lembrei de John Severson, fundador da revista *Surfer*, considerada a principal referência do esporte, que escreveu, no editorial do número 1, em 1960: “Neste mundo lotado de gente, o surfista ainda pode buscar – e encontrar – o dia perfeito: ficar sozinho com seus pensamentos e as ondas”. Parecia inacreditável, mas nas Maldivas, na ilha de Soneva, no atol de Baa, em pleno 2020, aquilo ainda era possível. 📍



Um sorriso de êxtase

Ele vai grudar no seu rosto depois do mergulho com as arraias

Historicamente surfe e mergulho livre sempre andaram juntos. Para surfistas do passado, o *snorkel* era garantia de sobrevivência – fonte de renda, de alimento, de treino para enfrentar os caldos demorados. Hoje isso acontece menos. Mas surfistas e mergulhadores continuam unidos pela paixão oceânica.

É normal nas viagens de surfe ter que esperar pela chegada das ondas. Enfrentar essa calmaria nadando com espécies da megafauna marinha, como as mantas, é um privilégio. Esses bichos em formato de losango chegam aos 2 mil metros de profundidade quando migram. Vivem em média 20 anos, e sua cauda comprida não tem ferrão – à diferença das raia de água doce.

No atol de Baa, de junho a novembro, os peixes-diabo ou peixes-morcego (como também são conhecidos no Brasil) entram numa espécie de frenesi – devoram diariamente toneladas do plâncton que sobe do fundo do oceano.

Nas Maldivas, as jamantas mais comuns têm envergadura entre 3 e 3,5 metros – mas podem chegar aos 5,5. Não devem ser confundidas com as arraias-gigantes oceânicas, com envergadura de até 9 metros. Embora parentes próximas dos tubarões, são absolutamente dóceis.

Curiosas por instinto, as mantas se aproximam dos humanos sem receio. Parecem querer checar de perto nossa estranha aparência. Quem são e o que desejam esses bichos de cara envidraçada? Esses seres de pés largos e compridos, sempre em busca da superfície por alguma razão? E ainda há os que levam um cilindro no dorso...

Quando, na mesma viagem, você nada com jamantas e pega ondas sublimes, acredite: seu sentimento de comunhão com o oceano será elevado a um novo patamar. Tudo o mais vai parecer secundário. E, enquanto você circula pelo resort, as pessoas vão morrer de curiosidade: por que esse cara não tira o sorriso do rosto? (AK)



MAPA ANTÔNIO TAVARES

CONHEÇA OS BENEFÍCIOS
EXCLUSIVOS UNQUIET

Para mais detalhes acione o QR code ao lado
ou acesse revistaunquiet.com.br



BEM-ESTAR

AUST RÁLIA

O Emirates One&Only Wolgan Valley, nas Greater Blue Mountains, é um spa de alto luxo rodeado de cangurus

POR MARI CAMPOS, DE WOLGAN VALLEY



S

ob os inevitáveis efeitos do *jet lag* de uma viagem Brasil-Austrália, acordei bem antes do planejado, quando o Sol nem sequer havia se levantado. Enrolada no roupão felpudo para me proteger do friozinho da manhã, vi pela varanda o céu ganhando as cores rosadas do amanhecer. À minha frente, tranquilos, cangurus saltavam em torno da *villa*, incrustada nas Greater Blues Mountains, e davam um tempero saboroso ao surpreendente show matinal.

Não resisti. Abri a porta para o jardim privativo externo, para vê-los bem de pertinho. Mal ouviu o ranger da porta, a maioria se voltou atenta para mim. Mas após alguns

segundos de orelhas em pé, os marsupiais voltaram a se concentrar na própria alimentação. O silêncio só era rompido pelo cantar de um ou outro pássaro – e pelo ruído suave dos cangurus.

Era minha primeira manhã, inesquecível, no Emirates One&Only Wolgan Valley. O resort é focado na sustentabilidade e na conservação desde que foi fundado. Acredita ser fundamental cuidar do bem-estar humano e proteger o equilíbrio da natureza. Os dias passados ali comprovaram essa sinergia.

DARWIN DORMIU AQUI

Na região das Blue Mountains – tombada como patrimônio da humanidade e conhecida pelos imensos paredões formadores de vales belíssimos – vivem cerca de 5,5 mil cangurus. O resort, entre os parques nacionais Wollemi e o Gardens of Stone, a apenas 2h30 de carro a partir de Sydney, tem área de 3 mil hectares. É o hábitat de vombates (bichinho peludo e atarracado, de cauda curta e grossa), wallabies (tipo menor de canguru), pássaros coloridos e diversas espécies de répteis.

O hotel, construído no terreno de uma fazenda do começo do século 19, preservou e restaurou a sede original, hoje um museu. O naturalista britânico Charles Darwin (1809-1882), autor de *A Origem das Espécies*, se hospedou nela.

Numa propriedade tão extensa, com 43 amplas *villas* bem afastadas umas das outras e um limite máximo de 86 hóspedes por noite, tem-se a sensação de estar sozinho no paraíso. Além das *amenities*

Tratar do ser humano e da natureza com o mesmo cuidado: eis a filosofia do resort

Nada menos que 5,5 mil cangurus vivem na região. E você os vê com facilidade





Os *wellness gurus* preparam a agenda personalizada para cada hóspede do Wolgan Valley

luxuosas – como filtro solar e repelente ecológicos –, cada *villa* oferece uma dupla de bicicletas. Providenciais para explorar os belíssimos vales vizinhos.

Apesar dos incêndios recentes que devastaram as Blue Mountains, extensas áreas do Wolgan Valley sobreviveram ao fogo. Todo dia é possível testemunhar a regeneração da paisagem e da fauna. Com ajuda dos hóspedes, o hotel recolheu mais de um milhão de sementes, entre elas as de 25 árvores nativas, para uma espécie de banco genético. O objetivo é repovoar a flora local o mais rápido possível.

ENERGIA DIFERENTE

Num spa cuja filosofia é o tratamento holístico de beleza, saúde e bem-estar, vale a pena começar o dia com ioga ao ar livre. Coletivas ou individuais, elas se potencializam devido à combinação da atmosfera sem um micrograma de poluição, a proximidade com a montanha e até a paisagem circundante. Proporcionam um tipo diferente de energia, mesmo aos mais sedentários.

Os *wellness gurus*, “gurus do bem-estar”, são especialistas locais encarregados de orientar os hóspedes a encontrarem a melhor rotina de bem-estar possível durante a hospedagem. Seja seu foco principal relaxar, revitalizar, combater o estresse ou simplesmente se restabelecer após a longa jornada da viagem até lá, eles parecem ter a receita mágica para cada caso.



Cada villa tem duas bicicletas. E há instrutores de várias práticas, incluindo ioga

O impecável spa by Sodashi tem vista panorâmica para as belezas naturais do vale e seis salas de tratamento, todas com banheira no estilo japonês. Os tratamentos são feitos com produtos da Sodashi, a pioneira e mais premiada marca de cosméticos naturais e veganos da Austrália. Há ainda óleos essenciais elaborados com extratos de ervas e flores do Wolgan Valley. As áreas comuns incluem piscinas externas quente e fria, saunas com aromaterapia e *lounges* de relaxamento que são pura contemplação da beleza natural da região. Os tratamentos faciais ainda podem vir com o benefício do rejuvenescimento da pele, o que é, claro, altamente apreciado pela maioria dos hóspedes.

Há ainda terapias com o uso da vibração dos sons ancestrais do Gong e dos *singing bowls* do Himalaia. Elas levam a mente a um profundo estado de paz e relaxamento. A experiência dos sons ancestrais do Gong me pareceu uma das mais profundas formas de relaxar pela qual já passei. Perdura por um bom tempo após a conclusão da terapia.

Os fãs de pilates vão gostar de saber: o One&Only Wolgan Valley acaba de fechar um contrato com

o estúdio Fluidform. Essa parceria permite treinos exclusivos com instrutores especializados, sempre disponíveis para atuar como *personal trainers*. Se você preferir, no entanto, experimente o premiado método sem sair de sua *villa*, uma cortesia da casa.

EXTRAS BEM-VINDOS

No Wolgang os clientes fazem seus próprios horários e programação diária. Caso escolha não fazer nada de especial, pegue seu livro preferido e se dirija à aconchegante área externa. Saiba porém que há trilhas de *bike*, caminhadas, cavalgadas, safáris 4x4 de dia e à noite, observação de pássaros, tudo incluído no cardápio. Por falar nele, vale mencionar James Viles, um dos mais premiados *restaurateurs* regionais australianos. Apaixonado por ingredientes sustentáveis, ele é adepto fervoroso do conceito *garden to table*, da horta e do pomar direto à mesa, sem escalas em refrigeradores. Como *chef* executivo, Viles comanda uma brigada de *maîtres*, *sommeliers*, *patissiers*, garçons, cumins. E se envolve pessoalmente na escolha dos vinhos, das cervejas artesanais e dos vários tipos de queijo, de-



MAPA ANTÔNIO TAVARES



Toda villa tem sua piscina aquecida. Perfeito para mergulhar depois de uma corrida. A sede, do começo do século 19, hospedou o naturalista britânico Charles Darwin

gustados ao fim das refeições ou, para quem gosta mesmo da iguaria, na *cheese house*.

Todas as *villas* têm sala, quarto, lareira, amplo *walk-in closet*, banheiros magníficos, varanda, piscina e jardim. A piscina, privativa e aquecida (as manhãs e as noites costumam ser bastante frescas, mesmo no verão), é circundada por paredes de vidro – que podem ser integralmente abertas.

Entre as atividades extras, vale falar do pitoresco e delicioso piquenique particular. Montado com mestria cênica sobre uma plataforma de madeira no meio do vale, é algo inesquecível. Minha tarde passada ali, comendo, bebendo e relaxando, com os cangurus a perder de vista no horizonte, foi absolutamente memorável. Valeu. 📍



CONHEÇA OS BENEFÍCIOS EXCLUSIVOS UNQUIET

Para mais detalhes acione o QR code ao lado ou acesse revistaunquiet.com.br



ENSAIO

MATHEUS SCHAPOCHNIK

O jovem fotógrafo paulistano sofre daquilo que os alemães batizaram de Wanderlust: um desejo irrefreável de viajar. Confira



Rio de Janeiro, RJ



São Miguel dos Milagres, AL



Foz do Iguaçu, PR

Garopaba, SC





Porto das Pedras, AL

Hoje Matheus Schapochnik só advoga nas horas vagas. E mesmo assim para poucos clientes. Aos 27 anos, formado em direito pela PUC-SP, Schapô, como é conhecido pelos amigos, deixou um importante escritório de advocacia corporativa em São Paulo.

Decidiu se dedicar à fotografia e ao montanhismo, dois afetos antigos. “Desde criança tive o interesse despertado pelas artes em todas as suas apresentações”, conta. No início da adolescência, ele comprou uma câmera digital bem simples. “Movido pelo ímpeto de desvendar o desconhecido, vivi o processo criativo por meio das cenas que eu presenciava e fotografava.”

Nas imagens deste ensaio, é possível observar fragmentos da imensidão de belezas naturais que o Brasil oferece. Entre pontos distantes mais de 3 mil quilômetros uns dos outros, estão a dança ritual indígena, a grandiosidade do relevo, a abundância de cores. É a vida que se reflete nos manguezais e recifes de corais alagoanos; o equilíbrio entre a força impetuosa das Cataratas do Iguaçu e a delicadeza de pássaros que planam sobre o tranquilo mar catarinense.

Ou como Matheus Schapochnik faz questão de sintetizar: “Meu propósito é que o espectador vá além da apreciação efêmera das imagens”, diz. “Quero que ele reflita sobre os espaços retratados, o impacto causado pela ação humana no ambiente e o efeito dessa ação em nosso dia a dia.”



Tribo tuiuca, Amazonas



COMER & BEBER NA TOSCANA

*Restaurantes estrelados, osterias anônimas,
sorveterias centenárias, vinhos com alma: um roteiro
dos prazeres da mesa em Florença e Siena*

POR ZECA CAMARGO

Eu poderia começar pelo sorvete, o melhor do mundo. Ou ainda os dois melhores sorvetes do mundo, Dondoli e dell’Olmo, ambos na mesma piazza della Cisterna, em San Gimignano, ambos convidando para a degustação com seus cartazes que anunciavam, respectivamente, o “*campione del mondo*” e “*il più buono del mondo*”. Mas se fizesse isso eu estaria atropelando não apenas o *primo* como também o *secondo piatto* e, para falar da gastronomia nesse cantinho da Toscana entre Florença e Siena, eu estaria não apenas sendo apressado, como também cometendo um *peccato*.

Melhor começarmos por uma manhã de névoa pesada no rio Arno, na verdade, uma promessa de céu ensolarado. Do terraço do meu quarto no Villa Sull’Arno, equipes de remadores treinavam naquelas águas distantes alguns quilômetros da ponte Vecchio, num dia que começava sem perceber ainda que já era primavera na Itália. O frio era apenas um detalhe que a pele sentia, mas não chegava a incomodar, pois a beleza da paisagem chamava muito mais atenção do meu corpo do que a temperatura lá fora.

Até essa visita em fevereiro de 2019, eu tinha estado em Florença apenas uma vez, nos tempos de mochileiro, nos idos dos anos 1980. Se experimentei alguma coisa extraordinária naquele tempo, isto é, algo que meu orçamento enxuto e minha fome de adolescente estivessem de acordo que era gostoso, nem me lembro. Aquela foi uma viagem de um jovem deslumbrado com arte, e o que a

memória guardou foram mais as pinturas (pense em Botticelli) e as esculturas (pense em Michelangelo, no caso, *Davi!*) do que refeições notáveis.

Nessa viagem mais recente, no entanto, eu estava disposto a corrigir essa distorção. Novas visitas à academia de Belas Artes e à Galleria degli Uffizi, claro, já estavam programadas, bem como outros endereços para ter um contato mais profundo com a produção artística dessa que já foi uma das cidades mais ricas do mundo, como a Casa dos Médici e o recém-aberto (e impressionante) Museo dell’Opera del Duomo. Dois ou três *palazzi* que não podem faltar também estavam na lista.

O objetivo principal desse retorno à Toscana, no entanto, era explorar os sabores da lá, não apenas os tradicionais, que se espalharam pelos quatro cantos do planeta, como algo da gastronomia moderna que já faz algum eco no cenário internacional. Com apenas alguns dias de viagem (seis, no total) e mais de uma cidade para redescobrir, fiquei um pouco aflito. As escolhas eram muitas e, fora as recomendações de inúmeros guias de restaurantes, as possibilidades que eu encontrava em cada esquina escura de Florença eram tentadoras.

Cheguei ao cúmulo de, nos dias que antecederam a viagem, fazer reservas em mais de um restaurante por refeição, para deixar o acaso decidir apenas em cima da hora a qual eu realmente iria. Um método que, admito, nem sempre trouxe bons resultados.

Sim, porque o mesmo acaso que me fez descobrir o Vini e Vecchi Saponi, onde provei provavel-

Florença está repleta de lugares para guardar na memória. Da ponte Vecchio e da Galleria degli Uffizi aos restaurantes cheios de surpresas



Na página ao lado, a Osteria Vini e Vecchi Saponi, com o seu clássico carbonara. À direita, a gelateria Dondoli, em San Gimignano



Em Florença, os restaurantes podem ter uma entrada sem charme, mas o interior é frenético e você é bem-vindo

mente o melhor carbonara da minha vida, também me levou a uma grande decepção chamada Il Locale. Eu já deveria estar preparado para isso: quando o design do ambiente chama mais atenção do que o cardápio, a gente deve começar a desconfiar...

As fotos no site do Il Locale eram incríveis: decoração “renascentista moderna”, pratos esculturais, jogos de luz nas paredes e mesas... Mas, no paladar, a única coisa realmente extraordinária foi o preço. Claro que o alho-poró com polenta trufada estava gostoso. Idem para os minimacarons apresentados numa espiral de pequenos pedestais. Ah! E o drinque com gim servido em um bule de porcelana antiga, combinando com a xícara, valeu uma ótima postagem no Instagram. Mas não troco nenhum desses itens do cardápio de lá por qualquer um do menu do Vini e Vecchi Saponi.

Como a maioria dos bons restaurantes de Florença, esse pode ser classificado como uma biboca. E isso é um elogio! Uma porta quase sem charme na via dei Magazzini esconde em seu interior uma atmosfera frenética: você entra e imediatamente tem aquela sensação de ser o último convidado a chegar para uma grande refeição familiar que já começou há horas. E logo descobre que é bem-vindo.

O Vini e Vecchi Saponi, como não poderia deixar de ser, é um negócio de família. Três irmãos se distribuem no trabalho de atender as mesas e o modesto bar – uma função que já foi do *papà*, que chega sempre no final do almoço para circular entre os convivas. Não que o espaço seja abundante, mas ele conhece a casa e se desloca com desenvoltura recebendo cumprimentos dos

clientes habituais e eventuais turistas estreados.

O cardápio é escrito à mão: meia dúzia de antepastos (*prosciutto e mozzarella, fagioli*); outro tanto de *primi piatti* (*ravioli de patate rossi*, o tal carbonara); e um pouco mais de opções – oito, um exagero! – no segundo prato, de tripas à fiorentina às misteriosas alcachofras *fritti... no fritti!!*. Esta foi, inclusive, minha escolha. E se você quiser saber o segredo do frito/não frito aviso: é bom reservar, pois as mesas do Vini e Vecchi Saponi vão redefinir sua noção de “disputadas”.

A essa altura eu já tinha entendido que, ali na Toscana, quanto mais simples a experiência, melhor. E foi assim que guiei minhas escolhas, aquelas “em cima da hora”, e fui feliz em todas elas: Osteria Tripperia Il Magazzino; Santo Spirito; Il Giova; os pratinhos com porções pequenas de todas as delícias do Acqua Al 2; e qualquer balcão do inacreditável Mercato Centrale, de onde tive dificuldade de sair.

Originalmente construído no fim do século 19, o mercadão central foi totalmente reformado e reaberto em 2014 – e é hoje ponto de parada obrigatório para quem passa por Florença. Mas aviso: vá com fome, por-



FOTOS REPRODUÇÃO



Construído no final do século 19, o mercado central de Florença é um lugar para ir e comer muito bem. Difícil é sair de lá

que você vai querer experimentar literalmente tudo. Alguns dos melhores *chefs* da Itália (Marcella Bianchi, Lorenzo Nigro, Carmelo Pannocchietti) disputam seu apetite com uma variedade de pratos que vai da pizza mais crocante a uma cornucópia de frituras – sem falar das trufas e dos *panini*.

E não preciso nem lembrar que, sendo um mercado, você ainda pode levar uma infinidade de ingredientes e temperos para casa, se você esquecer que existe um obstáculo chamado “excesso de peso”...

Bem alimentado depois dessa visita, lembro que, felizmente, Florença é uma cidade que convida você ao passeio – e uma caminhada até a ponte Vecchio resolveu a questão da digestão. Ou, ainda, abriu espaço para mais um sorvete na Gelateria Santa Trinità, onde o sorvete de morango conseguiu ter um sabor mais fresco que o da própria fruta – e você ainda aproveita tudo com a estupenda vista daquela antiga construção unindo os dois cantos da cidade cortada pelo Arno.

Última noite em Florença, último dilema de adivinhar qual das duas reservas feitas para o jantar seria a mais acertada. Andando na via de Giorni, para um café (e uma taça de vinho) num bar moderno porém rústico, faço uma pausa para descansar e me entregar

à torturante escolha: Essenziale, do respeitado *chef* Simone Cipriani, ou as aventuras imprevisíveis da Cucina Torcicoda?

Estava mais inclinado à segunda opção, mas quando saio do bar para me dirigir à Torcicoda encontro, logo à esquerda, um lugar do qual não havia ouvido falar. O Simbiosi não estava em nenhuma das listas que eu havia consultado, mas o charme de sua longa mesa comunitária disposta ao longo dos arcos de uma casa antiga, com as paredes descascadas, mais as opções orgânicas do cardápio, me deixaram curioso.

Como era cedo, as cadeiras estavam longe ainda de serem ocupadas e logo pedi uma entrada com anchovas, um *cappelletti* com trufas e uma *porchetta*. Um amigo que me acompanhava não estava a fim de carne e investiu num pedido vegetariano. Achei que iria me dar bem, melhor que ele, mas quando chegou seu *primo piato* a beleza de sua simplicidade me fez pensar de novo nessa suposta vantagem que eu tinha.

Era só um espaguete com alho, creme de espinafre e pimenta calabresa. Mas, quando dei uma garfada no prato dele, não queria comer mais nada, só aquilo! Que coisa mais maravilhosa. Fiquei tão enfeitiçado que propus a meu amigo que, se ele me deixasse comer o prato

dele, eu pagaria a conta. Ele topou e não me arrependi da barganha. Aliás, mal toquei a *porchetta*, que, embora suculenta, eu não queria que interferisse naquele sabor do espaguete.

Cheguei a sonhar com o espaguete de noite e ainda tinha o episódio na memória quando, a caminho de Siena, parei no vinhedo Cappella di Sant’Andrea, onde um simpático casal me recebeu contando a história daquele negócio de família que estava quase abandonado quando eles resolveram largar a arquitetura para investir em vinhos orgânicos – e, pelo que provei, diria que os amantes de um bom copo só saíram ganhando com isso...

Ainda tive tempo de visitar uma outra fazenda na qual, ao chegar, achei que tinha pego a indicação errada. Ao contrário da Cappella di Sant’Andrea, no lugar de uma casa toda bonitinha, me deparei com um quintal rural todo bagunçado. Partes antigas de tanques de armazenar vinho jogadas em meio a garrafas vazias, bacias, mangueiras, funis e um punhado de detritos não identificados. Seria ali mesmo que se produzia um dos vinhos orgânicos mais originais da região?

Enquanto examinava uma parede de caixas onde se lia “*prodotto nell’azienda agricola Casale*”, um senhor

com aspecto bem cansado, que parecia levar sua boina de lã como um fardo, apareceu pedindo desculpas, explicando que a filha já estava para chegar (a visita havia sido marcada com antecedência) e que seu neto poderia me ajudar na degustação, enquanto ela não vinha.

Surge então um garoto desajeitado de olhos profundamente azuis e dentes incertos. Sobre o vinho ele não podia explicar muito, mas o que lhe faltava em informações era compensado com sorrisos desajeitados. E com taças de seu líquido tosco, que, conforme o barril de onde ele me servia iam do laranja ao dourado. Quando o Sol batia na taça translúcida, então, eu tinha a certeza de que estava tomando algo que vinha de uma esfera divina.

Quando a mãe finalmente chegou, eu já estava “alegre” o suficiente para levar uma daquelas caixas que vi na chegada para minha estada em Siena. E tomei uma garrafa logo no fim da tarde, quando o Sol se punha num horizonte quase indecente de tão azul, tornando a vista do meu quarto no hotel, um mar de telhados antigos, uma genuína pintura renascentista.

Inevitavelmente, cochilei e acordei tarde demais para poder escolher onde comer nas redondezas da rua principal de Siena. Queria evitar os cafés lotados



de turistas na inacreditável piazza del Campo, uma vez que no dia seguinte ela seria um dos cenários principais da maratona anual da cidade. Eu estava já ficando sem escolhas quando vi uma placa antiga com uma seta indicando algo chamado Osteria di Castelvechio. Por que não?

Subi alguns passos de uma ladeira e imediatamente me arrependi. Um interior sem charme, com cadeiras de metal e detalhes de decoração supostamente ousados, não me pareceu muito promissor. A fome (mais a dúvida sobre a possibilidade de encontrar outro lugar aberto), no entanto, falou mais alto. Decidi encarar uma das mesas frágeis e um garçom que, embora esforçado, mal dava conta da dezena de clientes que servia.

Mas aí chegou o cardápio, e tudo mudou. Lagostins com pesto, polentas crocantes, *pappardelle* com ragu, cozidos, carneiro... e as sobremesas! Não era um menu extenso, mas hipnótico, daqueles que o convencem a experimentar tudo. E foi exatamente o que fiz. Fiquei completamente extasiado.

Tanto que voltei lá no dia seguinte. Ou, se é para ser honesto, eu mal prestava atenção nas informações que a minha guia me contava sobre as preciosidades de Siena ao longo daqueles últimos

momentos na Toscana: tudo parecia uma desculpa para preencher o tempo até que eu pudesse comer de novo na Osteria di Castelvechio.

Eis então que na última refeição dessa viagem, lá estava eu de novo, sentado na mesma mesa da noite anterior, ligeiramente desconfortável naquela cadeira modernosa, sob uma luz fria fatal para as *selfies* que eu pretendia tirar, mas feliz com a expectativa de experimentar novas delícias. E elas vieram: um fígado de frango que era uma *mousse*, *pappardelle* bem largos, com uma ricota que era quase gasosa de tão leve; e um *risoto al nero di seppia* que me deixou tão eufórico que fiz questão de, com a tinta que havia sobrado no prato, escrever “*grazie*” usando o garfo.

E ainda chamei o garçom esbaforido para pedir que ele mostrasse ao *chef* meu “correio elegante”, como gratidão pelos prazeres que ele mandou da cozinha para minha mesa. Ele olhou, riu discretamente e voltou dois minutos depois dizendo que o *chef* tinha recebido o recado e apresentado a conta. Que logo abaixo do total tinha, na caligrafia adolescente dele, uma discreta correção do meu agradecimento impetuoso: “*Grazie!*”.

Com um “z” só... 📍

Um lugar para conhecer em Siena:
a Osteria di Castelvechio.
O cardápio tem lagostins, camarões,
vôngole e sobremesas de tirar
o fôlego, como a semiesfera
de chocolate branco, com mousse
de pistache e coulis de framboesa



FOTOS REPRODUÇÃO, MAPA ANTÔNIO TAVARES

CONHEÇA OS BENEFÍCIOS
EXCLUSIVOS UNQUIET

Para mais detalhes acione o QR code ao lado
ou acesse revistaunquiet.com.br



AVENTURA

SEGERA

*Hakuna matata, my friend! Bem-vindo ao coração do Quênia,
ao paraíso da vida selvagem*

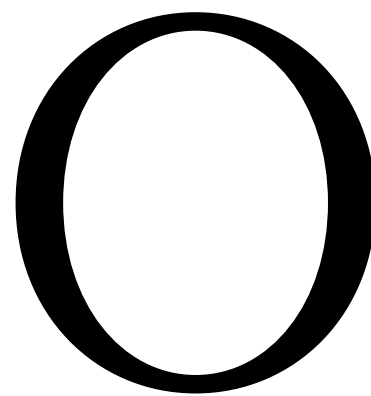
POR FERNANDO PAIVA



*O biplano britânico Gipsy Moth 1929,
usado nas filmagens de Entre Dois
Amores (Out of Africa), sobrevoa o
Bird Nest no Segera Retreat, Quênia*



O Segera é uma experiência completa. De suas instalações confortáveis, é possível ouvir o bramido dos elefantes



limites de Nairóbi, a capital do Quênia – e o show da vida havia começado. Fantástico.

Voávamos rumo norte, 359 graus pela bússola do avião, naquela manhã nublada de abril. A estação chuvosa começara em março, e a savana principiava a esverdear novamente. Nosso destino era o Segera Retreat (pronuncia-se seguêra), o resort mais luxuoso da África meridional, situado numa gigantesca área de preservação ambiental com 22.275 hectares. Um projeto idealizado e implantado pelo empresário e conservacionista alemão Jochen Zeitz [leia entrevista nesta edição]. A apenas 20 quilômetros ao sul da linha do Equador, trata-se da segunda área do país, depois do parque Masai Mara, em densidade de vida selvagem. Um santuário onde convivem 40 espécies de mamíferos e mais de 350 de pássaros.

O piloto Ahmed deu um bordo à esquerda com o Cessninha 206 Station Air, monomotor de asa alta, e apontou para baixo, alertando os passageiros. No solo, um bando de girafas, com seu andar molenga, galopava em câmera lenta. Mal

hávamos deixado os

Após 55 minutos, aterrissamos. O lugar impressiona de imediato pela beleza natural, pelas acomodações hiperconfortáveis e de bom gosto, pelo paisagismo impecável e pelas onipresentes obras de arte, com destaque para um instigante jardim de esculturas. Zeitz, afinal, é o mais importante colecionador de arte contemporânea do Continente Negro. Fundou, na cidade do Cabo, África do Sul, o prestigiado Zeitz MOCAA (Museum of Contemporary Art Africa).

No Segera, a vida é regida pela filosofia dos 4Cs – conservação, comunidade, cultura e comércio, integrados de maneira holística e efetiva. Entre as celebridades que frequentam o lugar estão o ex-velocista jamaicano Usain Bolt e as designers de moda Donna Karan e Vivienne Westwood.

Para usar uma palavra em voga, se hospedar no Segera é uma experiência genuína e diferenciada. Lá você vai apreciar o cume nevado do monte Quênia, segunda maior montanha da África depois do Kilimanjaro, de 5.199 metros de altitude, com as raras zebras-de-grevy em primeiro plano. Pela manhã, irá sentir o aroma da savana molhada pelo orvalho da madrugada. Ouvirá o bramido dos elefantes fêmeas, matriarcas sempre atentas à segurança dos filhotes. Tomará chá no fim da tarde aninhado num sofá de couro antigo, entre mapas, fotos e objetos do início do século 20. Depois do jantar, vai sentir pra valer o céu, o cosmo, com bilhões de estrelas

que ameaçam cair a qualquer momento sobre sua cabeça. Tudo banhado pelo brilho e pelo calor da fogueira – enquanto você degusta sossegado um encorpado pinotage sul-africano. Vidão. Então, relaxe e aproveite.

Ou, como diz a população local, misturando a língua suaíli ao inglês, *hakuna matata, my friend*. Esqueça os problemas e o estresse da cidade grande. “Encontrei o lugar que fala à minha alma de aventureiro”, sintetiza Jochen Zeitz. Ele descobriu em 2005 a antiga sede de fazenda e um estábulo abandonados, cercados de cactos. E transformou o local num exuberante jardim tropical, com nove vilas luxuosas, diversas piscinas e um spa. Restaurado, o estábulo, logo na entrada, virou uma galeria, com obras de seu acervo particular.

O designer e artista plástico paulista Humberto Campana, que esteve no Segera durante uma semana em 2019, trouxe de lá as melhores recordações. “Não fomos apenas como turistas, mas também para trabalhar”, ele explica. Diz ter vivenciado um contraste muito grande ao visitar a aldeia de pastores de gado onde está o projeto Satubo, apoiado e financiado pela fundação Zeitz. A sigla remete às três etnias regionais – samburo, turcana e borana. Congrega apenas mulheres, com o objetivo de aumentar a renda, a autoestima, combater o sexismo e criar um negócio autossustentável. A fundação Zeitz criou ainda um pelotão de *rangers* (guarda-caças) feminino, atividade outrora reservada apenas aos homens. Armadas, elas ajudam a fazer a ronda contra os caçadores.

“Pela manhã a gente tomava café com as girafas pastando no jardim, num conforto chique e elegante”, rememora Campana. “Depois, andávamos 30 quilômetros de estrada de terra, e entrávamos em outra realidade.” As mulheres vivem dos belíssimos e multicoloridos colares e pulseiras, feitos de miçangas e contas. Sempre preocupado com a ampliação

De uma fazenda abandonada, o Segera se transformou num jardim tropical. O estábulo virou uma magnífica galeria de arte



CORINNA SAGESER



SEGERA

No alto, leopardo flagrado durante safári. Ao lado, leoa com filhote. Na página à direita, mulher da etnia samburo com adereços de contas e miçangas vendidos na sede do projeto Satubo

do vocabulário artístico, Campana sugeriu: “Por que vocês também não fazem luminárias?”. Outro ponto, segundo ele, foi o lado espiritual vivido ali. “Mudei muito, sabe? Percebi a grandeza deles, um povo que só enfrenta adversidades e responde com sorrisos e amor”, afirma. “Isso é da cultura africana, me senti em casa com a generosidade, a entrega dos moradores, pois minha segunda mãe é afrodescendente.”

Um dia típico no Segera começa cedo, por volta das 6h30. Um lanche leve precede o primeiro *game ride*. À diferença da maioria dos safáris, esse passeio de 4x4 é feito com carro e guia-motorista exclusivos, só para você. No trajeto, prepare-se para encontrar leopardos, elefantes, búfalos, leões, hienas, girafas e zebras, além de centenas de pássaros variados. Na volta, cerca de 10h, toma-se o café da manhã e depois vem o almoço na Paddock House. O sistema *farm to table* garante frutas suculentas, verduras crocantes e legumes saborosos, cultivados de modo orgânico no

pomar e na horta do *lodge*. *Chefs* qualificados se esmeram no preparo da comida, que pode ser saboreada no hotel ou ao ar-livre, nos bosques cortados por riachos de água transparente. O Segera, é bom que se diga, é detentor de diversos prêmios internacionais de sustentabilidade – a energia utilizada vem 100% de placas solares e a rega dos jardins e da horta é feita com o reúso da água das chuvas.

Há um segundo *game ride* no fim da tarde, seguido do jantar na Wine Tower. Trata-se de uma adega dentro de um antigo silo cilíndrico, com mesa central e piso de cimento cravejado de cápsulas metálicas de champanhe. A carta de vinhos é magnífica, com os melhores rótulos do Novo e do Velho Mundos. Entre os dois passeios, você aproveita o conforto da sua vila particular para ler, tirar uma soneca ou até tomar um banho particular de piscina.

A altitude de 1.750 metros acima do nível do mar faz com que o resort tenha um clima agradável o ano todo,

TUCA REINÉS





O monte Quênia, ao fundo,
é a segunda maior montanha
da África, com 5.199 metros
de altitude. Perde apenas
para o Kilimanjaro



e, melhor ainda, livre de malária. Ao longo dos córregos, os bosques de acácias atraem as zebras-de-grevy e os elefantes, em busca de água, de sombra e de alimento. Manadas com mais de vinte elefantes e bandos com dezenas de espécimes são comuns, e atestam a densidade da vida selvagem no planalto de Laikipia.

Existem na África quatro espécies de girafa: do-sul, masai, do-norte e reticulada. O cruzamento entre espécies distintas gera filhotes estéreis, daí a queda de 150 mil para 100 mil nos últimos 30 anos. No Segera, entretanto, as reticuladas são tantas que podem ser vistas até pela janela dos quartos. Os búfalos-cafres, com sua ferocidade lendária, pesam até 900 quilos. São temidos até pelos leões, que só ousam atacar os animais mais velhos – e mesmo assim sempre em grupo. Ninguém encara um búfalo sozinho.

Quer mais aventura? Então aqui vai. Você pode passar a noite sob as estrelas, no deque superior do Bird Nest. Essa construção, cuja arquitetura se assemelha à dos ninhos dos grandes pernaltas africanos, é um ponto perfeito para a observação noturna de carnívoros como leões, leopardos e hienas, além de elefantes e búfalos.

E já que voltamos à página dupla que abre esta reportagem, lembra-se do filme *Entre Dois Amores* (*Out of Africa*)? Ele conta parte da vida da dinamarquesa Karen Blixen (vivida por Meryl Streep), que teve uma fazenda de café em Nairóbi. Robert Redford faz o papel do piloto Denys Finch-Hatton, amante da escritora.

Pois bem: voar no biplano amarelo Gipsy Moth, ano 1929, prefixo G-AAMY, o mesmo utilizado durante as filmagens, é um mimo único que o Segera oferece. Dependendo da disponibilidade, o avião, comprado por 300 mil euros num leilão em 2013 e completamente restaurado, está à sua disposição. Bom voo. 📍

Passeios de helicóptero até a base do monte Quênia e almoços na savana são alguns dos destaques do Segera

CONHEÇA OS BENEFÍCIOS EXCLUSIVOS UNQUIET

Para mais detalhes acione o QR code ao lado ou acesse revistaunquiet.com.br



ENTREVISTA

JOCHEN EITZ

*Ele levou a sustentabilidade
para a Puma, fundou o resort
Segera no Quênia e criou o
museu de arte contemporânea
africana da cidade do Cabo*

POR CORINNA SAGESSER



Filho de médicos, nascido em 1963 em Mannheim, Alemanha, o conservacionista e empresário Jochen Zeitz afirma que teve uma infância feliz, ao lado dos pais e dos irmãos. Os Zeitz sempre amaram a natureza e a vida ao ar livre. “Desde menino costumávamos passar os fins de semana numa cabana na floresta.” Suas primeiras leituras, como a de boa parte das crianças alemãs dos anos 1960, tratavam de aventura, viagens a lugares exóticos e animais selvagens. “Lia tudo sobre a África e o Velho Oeste americano, mas, olhando para eles agora, vejo que estavam cheios de estereótipos e preconceitos.”

Atual CEO, *chairman* do conselho de administração e presidente da americana Harley-Davidson, depois de se graduar pela European Business School (EBS) e

trabalhar na Colgate-Palmolive em Nova York e em Hamburgo, o irrequeto Zeitz começou o que o jornalismo de negócios costuma chamar de “uma carreira meteórica”.

Entrou na Puma em 1990, com 27 anos. Aos 30, já era CEO – foi o mais jovem a conseguir esse posto numa empresa alemã de capital aberto. Quando assumiu, cada ação da Puma valia 8,6 euros. Ao ser comprada pela Kering, conglomerado de marcas de alto luxo, a ação saltara para 350 euros – uma valorização de 4.000% em 13 anos.

O que marca a existência de Jochen Zeitz, no entanto, não é apenas a planilha de Excel. Membro do conselho diretor do Kenya Wildlife Service (KWS), ele se firmou no universo da economia colaborativa por outros motivos. Conseguiu sua posição como um apaixonado inovador tecno-ecológico, um divulgador da arte africana contemporânea e um conservacionista intransigente. Veja como isso aconteceu na entrevista a seguir, concedida por ele com exclusividade à UNQUIET, de sua fazenda no deserto do Novo México, Estados Unidos.

UNQUIET_ Qual viagem marcou a sua vida?

Jochen Zeitz – Minha primeira viagem ao Quênia, em 1989, quando decidi pela primeira vez que queria fazer da África meu lar.

Em 1990 você entrou na Puma.

Em três anos, se tornou o CEO da empresa. Você se tornou a pessoa mais jovem da história alemã a conseguir esse cargo em uma empresa de capital aberto. Como foi?

Foi um momento emocionante e desafiador. Comecei com uma reestruturação mundial da Puma (em dificuldades financeiras na época) e implementei um plano de desenvolvimento a longo prazo. As vendas cresceram para quase US\$ 4 bilhões de dólares. O preço das ações aumentou cerca de 4.000%, de 8,6 euros no meu primeiro ano como CEO para 350 euros em 2007. De uma marca de preço baixo e produtos com

pouco apelo, a Puma virou uma empresa *premium*. Designers talentosos, homens e mulheres incríveis ligados ao esporte nos ajudaram demais. O resultado foi o surgimento de um mercado de *sports lifestyle*, que fundiu moda, estilo de vida e esporte.

Que mudanças você promoveu na empresa em termos de sustentabilidade?

Comecei limpando nossas fábricas, agregando a sustentabilidade ao DNA e à missão da marca. Depois desenvolvemos e fomos pioneiros no processo de Environmental Profit & Loss (EP&L). Aí, começamos a informar o público sobre o resultado dos impactos ambientais da Puma. **Essas mudanças inspiraram outras empresas?**

Foi – e ainda é – ótimo ver outras marcas sendo influenciadas por essa mudança e seguindo os mesmos passos. É o caso da Kering [corporação que agrega grifes de alto luxo] e a Harley-Da-

vidson. Ambas fazem realmente a diferença, medem o impacto ambiental de seus produtos.

Você fundou, com sir Richard Branson, a Equipe B (B Team) em 2012. Do que se trata e como funciona?

O Plano A – ser *business as usual* –, impulsionado apenas pelo lucro, não é uma escolha sustentável para as pessoas e para a Terra. Assim, criamos o Plano B. Trata-se de uma solução que vai transformar o futuro dos negócios, se tornar uma força motriz para o benefício social, ambiental e econômico. Inventamos uma plataforma dirigida aos principais líderes empresariais globais. O objetivo: defender e implementar soluções éticas e sustentáveis que sejam viáveis em todos os setores econômicos.

Por que você escolheu Branson como parceiro?

Estive envolvido com a Virgin United por vários anos e ali conheci o Branson. Com o tem-



“O Segera está apoiado em quatro pilares, os 4Cs: conservação, comunidade, cultura e comércio”

po, compartilhamos a ideia de que os negócios precisavam ser parte fundamental de qualquer solução. Finalmente, desenvolvemos o conceito do B Team e lançamos o projeto.

Como foi o desenvolvimento do B Team?

Ele cresceu com grande entusiasmo. No começo, juntou alguns líderes-chave, mas hoje reúne 40 dos empresários mais inspiradores. E continua crescendo...

Oito anos depois, qual o resultado?

Estamos vendo a European Business School (EBS) e a sustentabilidade se tornarem mais importantes nos negócios globais e nas agendas nacionais. Os valores das companhias finalmente se tornaram parte da narrativa para muito mais empresas e líderes. Espero que, por meio de nossa iniciativa, tenhamos contribuído para uma mudança crescente nos negócios.

havia achado o que eu desejava. Eram 22.500 hectares de fazendas degradadas no norte do Quênia, cheias de gado, mas sem turismo, sem eletricidade, com acesso limitado à água e pouca fauna e flora. “Vou colocar toda a minha energia, a minha paixão, para trazer a vida de volta para cá”, pensei. A ideia era que o Segera fosse uma experiência de safári de luxo, com alta qualidade e impacto ambiental positivo. Um safári ecológico combinado com um retiro cultural. Um centro de arte e conservação da vida animal. Eu desejava compartilhar meu amor pela África com outros – e inspirar as pessoas a fazer mais o bem no mundo.

Fale do desenvolvimento do projeto.

Foi uma longa jornada. Construir no meio do nada e ainda querer ser sustentável levou muito tempo. Na verdade, compreendi a terra e se passou quase uma década antes de eu decidir o que



construir, e como. Mas conhecer a área, as comunidades locais, a flora e a fauna foi decisivo para o planejamento. Foi preciso trabalhar as coisas que realmente precisavam mudar e se desenvolver. Eu pretendia causar um impacto positivo a longo prazo.

O que distingue o Segera dos demais resorts africanos de alto padrão?

O Segera é de alto padrão, mas totalmente sustentável. Trata-se de um destino fundado sobre pilares de longo prazo. Seu *éthos* está centrado no equilíbrio daquilo que chamo de 4Cs: conservação, comunidade, cultura e comércio. Toda a energia elétrica vem de placas solares. A água da chuva é colhida e reciclada. Embora tenha começado como uma fazenda de pecuária, o Segera é hoje um lugar diversificado, de conservação vibrante. Mais: ele se integrou à vida selvagem e ao futuro dos moradores locais. O Segera se tornou um modelo

para o turismo sustentável – e um catalisador para um modo de vida mais atento.

Todas as suas empresas trabalham com base nos 4Cs. Como eles funcionam?

A fundação Zeitz, o Segera e o projeto The Long Run comprovam: o manejo sustentável de ecossistemas e a criação de uma Terra saudável podem ser alcançados por meio de um equilíbrio holístico dos 4Cs. A conservação salvaguarda a biodiversidade e o uso sustentável dos recursos naturais. Melhorar o bem-estar das comunidades é uma obrigação fundamental, alcançada via condições de trabalho justas, das relações comunitárias, da responsabilidade social, da capacitação e do apoio às pequenas e médias empresas. Em termos da cultura, tentamos fortalecer ativamente as relações e a compreensão intercultural. Isso salvaguarda o patrimônio cultural e aumenta a conscientização

“Em 2019, o Segera criou um grupo feminino de rangers. As mulheres atuam contra caçadores ilegais”

da diversidade. Por fim, negócios viáveis fornecem uma fonte de renda à população. E, com investimento no longo prazo, todas essas iniciativas voltam à origem de um dos 4Cs.

No cotidiano, como os 4Cs funcionam?

O Segera protege de modo efetivo a vida selvagem do Quênia. Fortalece as comunidades locais por meio de emprego justo, da educação. Encoraja habilidades tradicionais. Apoia pequenas empresas como a Satubo. Trata-se de uma atividade comercial

que sustenta essas e diversas outras iniciativas.

E as escolas infantis?

A fundação Zeitz construiu e mantém seis delas, que educam 1,8 mil crianças das redondezas, incluindo nosso projeto inovador da escola Waterbank. Ela incorpora a colheita de água da chuva e as aulas de horticultura [*vencedora do prêmio Greenest School in the World, do LEED Architecture*]. Isso permite aos alunos cultivar suas frutas, verduras e legumes – e levar água potável para casa.

Você mencionou há pouco o Satubo. Do que se trata?

Trata-se do Satubo Women’s Group. A sigla junta as primeiras sílabas de três etnias africanas: samburu, turcana e borana. Elas vivem na área vizinha ao Segera. Nosso trabalho é achar oportunidades alternativas para gerar renda comunitária. Mas foi a necessidade que deu origem ao Satubo. Houve uma seca prolongada e quase todo o gado morreu. A pecuária era a fonte de renda principal das tribos. E as consequências foram devastadoras: as mulheres ficaram sem dinheiro para comprar alimentos, roupas, pagar assistência médica, taxas escolares... A saída foi transformar o artesanato de miçangas e contas, feito por elas havia gerações, num negócio viável. O surgimento do Satubo deu poder às mulheres, que passaram a ajudar no sustento de suas famílias.

O Satubo se baseia nos 4Cs?

Sim. Ele permite a conservação ambiental graças à fonte alternativa de renda. Ela limita a dependência feminina, pois as mulheres não precisam tanto da pecuária nem do pastoreio. As mulheres, capacitadas, preservam parte fundamental de sua cultura – o desenho tradicional de colares, pulseiras e adereços de miçangas. Com o comércio,

vem a renda independente, e, com esta, a liberdade financeira. Estamos no momento abrindo um jardim da infância para as moradoras. As mães com filhos em idade pré-escolar poderão continuar a trabalhar, perto das crianças.

É difícil dar poder às mulheres africanas? Há muitos obstáculos?

O maior desafio é mudar a mentalidade dos homens. Vamos conseguir, com treinamento vocacional e renda para as mulheres. As coisas começam a se transformar.

O Segera treinou um grupo especial de guarda-caças, de rangers, formado só por mulheres.

Em 2019 a fundação Zeitz lançou a primeira academia feminina da África Oriental para a formação de guarda-caças. A ideia é a mesma: criar empregos novos por meio da conservação. Usamos a educação para dar poder às mulheres – numa atividade exercida há gerações apenas por homens. Recrutamos a primeira turma, 12 mulheres, após um demorado processo de seleção em diversas comunidades rurais. Nos seis meses seguintes, elas enfrentaram um programa de treinamento intenso: ioga, meditação, legislação, lutas marciais, tiro, sobrevivência. Fizeram exercícios táticos de campo contra caçadores ilegais. As *rangers* se formaram em setembro de 2019. Hoje trabalham na proteção do Segera. A segunda turma foi adiada por causa da pandemia. Mas devemos reiniciar o recrutamento. A segunda equipe deverá trabalhar em áreas de conservação por todo o Quênia.

A fundação Zeitz também apoia o projeto The Long Run. Do que se trata?

O Long Run foi uma iniciativa da fundação, mas hoje cresceu e se tornou uma instituição independente de filantropia, registrada no Reino Unido. É uma iniciativa

importante, global, na área do desenvolvimento sustentável, liderada por empresas que trabalham com a natureza. No mundo todo, a Long Run protege mais de 10 milhões de hectares, onde vivem mais de 30 mil espécies, com impacto sobre a vida de 750 mil pessoas.

Há dois resorts no Brasil que já integram o Long Run.

Sim. O refúgio ecológico Caiman, no pantanal de Mato Grosso do Sul, e outro em Santo Antônio, na mata atlântica do Rio de Janeiro. A visão de longo prazo da Long Run se traduz em um mundo onde natureza, empresas e pessoas trabalhem em harmonia para um futuro sustentável. O objetivo? Dar apoio, conectar e inspirar negócios que dependam do meio ambiente.

O que é preciso para fazer parte do Long Run?

Aplicar na prática o conceito dos 4Cs. Em primeiro lugar, se destacar por um alto nível de sustentabilidade. Segundo: demonstrar que o lucro pode e deve andar de mãos dadas com ecossistemas sustentáveis e comunidades prósperas. Uma empresa de turismo que tenha ou administre uma área natural de importância ecológica – e esteja alinhada com a visão e a missão dos 4Cs, vale frisar – pode se candidatar à adesão. Outras organizações, empresas ou profissionais que cultivem valores idênticos podem igualmente aderir como afiliados. Gente capaz de apoiar e inspirar outros membros, por meio da colaboração.

No Segera, você pretende plantar 1 milhão de árvores no formato de um rinoceronte que possa ser visto do ar. Até o momento, são 100 mil árvores plantadas. Como anda esse projeto?

Com a alarmante crise climática mundial e a perda da biodiversi-



dade, o desmatamento se tornou um problema sério no Quênia. A área coberta por florestas e savanas caiu de 10% para 6% apenas na última década. Assim, resolvi lançar essa iniciativa para cultivar uma nova cobertura florestal, no Segera e nos arredores. Queremos plantar 1 milhão de mudas de árvores nativas até 2030. Começamos o plantio em maio de 2020. Outras 150 mil mudas devem ser plantadas quando começar a estação chuvosa, em novembro de 2020. Estamos desenvolvendo ainda uma escola de silvicultura. O objetivo é fornecer educação técnica vocacional aos alunos que vivem na área rural – melhorar a agricultura, tornar a terra mais produtiva. E, claro, ensinarmos conservação e como aproveitar as oportunidades, para a geração de uma renda sustentável. **Por que você gosta tanto da cultura africana?** Ela não é uma cultura, a África

é um continente muito diversificado, com inúmeras culturas individuais apenas no Quênia. Há uma enorme quantidade de etnias lá. Assim, não podemos falar em “cultura africana”. Da mesma maneira que não há uma “cultura europeia” ou uma “cultura latino-americana”. **Sua coleção de arte contemporânea africana é conhecida no mundo inteiro. Quando você começou a colecionar?** Em 2008 comecei a colecionar arte contemporânea da África e de sua diáspora, dos artistas exilados. Eu queria montar um acervo que um dia fosse exposto no continente. Uma plataforma para a África compartilhar sua história com o mundo. **Você criou na África do Sul o MOCAA – Zeitz Museum of Contemporary Art Africa. É o mais importante do gênero no mundo. O que você indicaria a quem estiver na cidade do Cabo, com apenas uma hora para visitar o museu?**

“Pretendo plantar 1 milhão de árvores até 2030 no Segera e nos arredores. Começamos esta tarefa em maio de 2019”

Olha, há tantas peças interessantes e instigantes, bem como as exposições permanente e temporárias. Digo apenas para tentar ver o máximo possível. **De quem foi a ideia de usar os antigos silos do porto como sede do museu?** Os silos graneleiros do Victoria & Albert Waterfront, na antiga zona portuária reurbanizada, já haviam sido declarados marcos históricos da cidade do Cabo. O governo, entretanto, ainda não havia decidido qual seria sua uti-



Na página ao lado, sala de aula de uma das seis escolas mantidas pelo Segera. Acima, o Zeitz Museum de Arte Contemporânea Africana, na cidade do Cabo

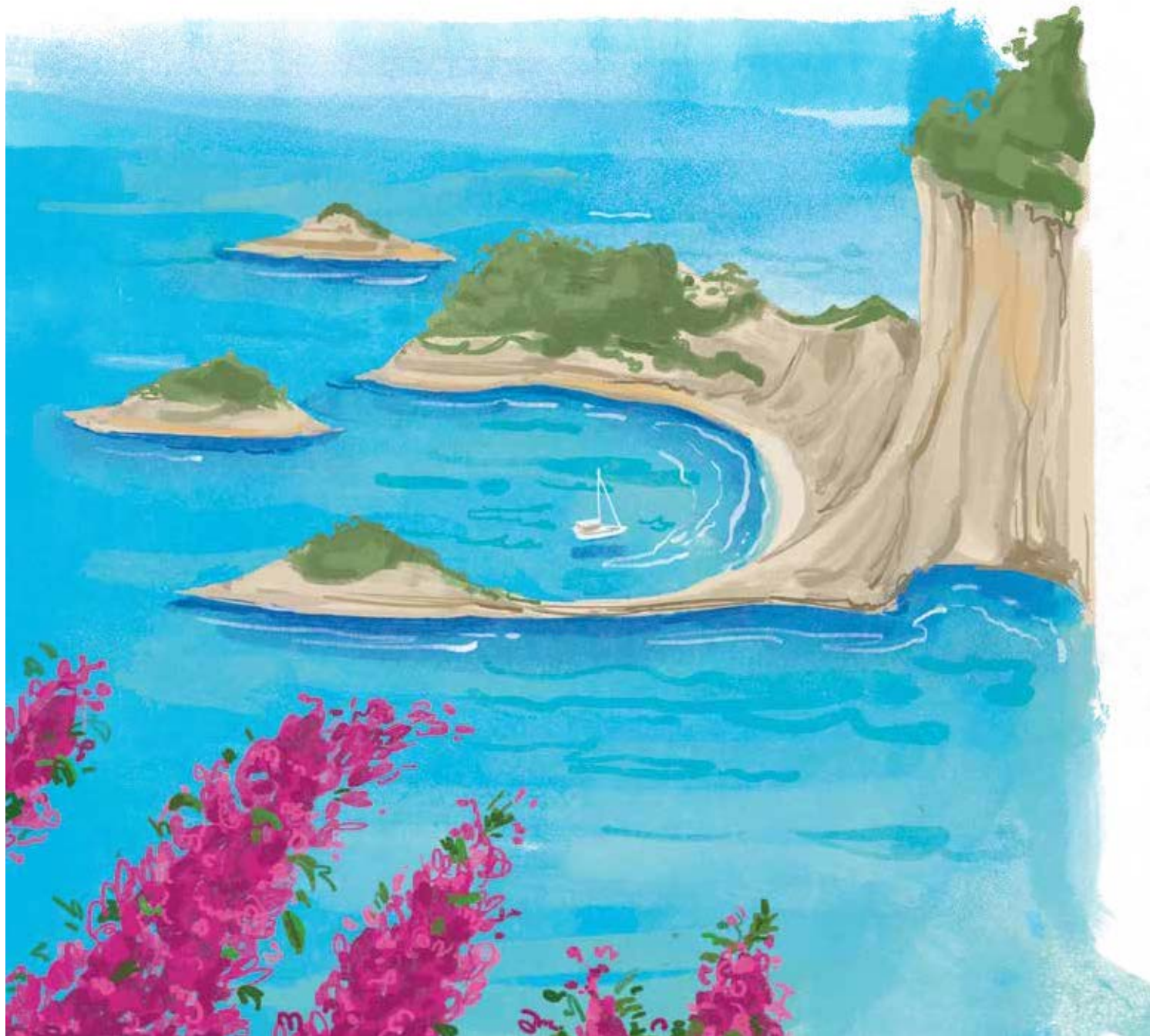
lização. Sugeri que abrigassem minha coleção de arte – e nossas visões se alinharam. **Você se preocupa bastante em como os negócios impactam a sociedade – as viagens globais se encaixam nesse conceito?** Viajar não é realmente o problema, mas sim o que vamos fazer a respeito – medir sua pegada e fazer algo para compensá-la. Há diversas maneiras de resolver isso hoje. Não há mais desculpa para não fazer. **Quais são seus valores pessoais?** Tudo que faço é guiado pelos quatro princípios-chave de ser justo, honesto, positivo e criativo [FHPC na sigla em inglês]. Foi uma espécie de bússola moral que desenvolvi enquanto estava na Puma. **Você é o CEO da Harley-Davidson. A marca acaba de lançar sua primeira motocicleta elétrica. Tem seu dedo aí?** Estou na diretoria da Harley-Davidson desde 2007 e presidi

seu comitê de sustentabilidade desde sua criação, em 2011. Penso nessa motocicleta elétrica há 13 anos. Mas eu precisava ter certeza de que a moto manteria duas coisas: o torque e a sensação de uma Harley. Posso estar sendo tendencioso, mas eu não poderia estar mais feliz com o resultado. **Que lugares você gostaria de conhecer?** Há muitos lugares que eu gostaria de visitar. Mas passar mais tempo nos lugares que já conheço e amo é minha prioridade. Isso quer dizer no Segera e na fazenda em Santa Fé, no Novo México, Estados Unidos. **As viagens continuarão afetadas pela pandemia? Que tipo de comportamento devemos esperar das pessoas?** Acho que elas estarão muito mais atentas. Vão escolher com cuidado aonde ir. Certamente vão procurar locais seguros e saudáveis. Lugares que se preocupem com seus moradores e

com a natureza. A antiga tendência de pular para lá e para cá será reavaliada – as viagens vão se tornar mais conscientes. Ou seja: será imprescindível conhecer bem os lugares que se visita. E não perseguir constantemente a aventura seguinte. **De que modo o Segera se adaptará a esse novo conceito?** O Segera será um lugar a ser visitado depois da pandemia. Ali se vive de maneira consciente, numa área remota, cercada de vida selvagem, com espaço e privacidade de sobra, muito ar puro. E você ainda tem uma comida saudável, orgânica, de origem local. **O que você mais gosta de fazer no Quênia?** Adoro mesmo uma imersão total na natureza. Ver, sentir e experimentar tudo o que me rodeia. **Você fala sete idiomas. Qual a expressão mais bonita em suaíli?** *Hakuna shida*: sem problemas, sem preocupações. 📍

A praia

No cair de uma tarde qualquer, sabíamos que chegaria a hora de deixarmos uns aos outros e seguirmos nosso destino incerto rumo à terra firme de uma Europa movediça



O barco aportou na ilha quando o turquesa do mar e o marinho do céu eram um negro só. As luzes tímidas da choça apontavam apenas o caminho exato para chegar até o alto do penhasco, onde um pequeno grupo de forasteiros quebrava com modéstia o silêncio da praça com suas conversas sobre os últimos raios de mais um verão. O tom e os passos, os gestos e os assuntos pareciam proibidos – a sensação era que estavam intimamente reunidos em uma sociedade secreta, comunitários em sua conquista particular, entendidos que chegaram e pertenciam a um lugar para muito poucos e que assim sempre fosse.

Causou susto a minha aparição no calar da noite, solitário de nome grego e cara sem origem certa. Entregou-me o escapulário – “Ele deve ser brasileiro”, exclamou quem mais tarde se tornaria meu irmão ateniense, Konstantinos de Kostantakis, doce e inebriante como o *rakomelo*, espécie de aguardente misturado com mel, servido quente em jarras sobre a mureta da igreja na qual, no dia seguinte, um casamento ortodoxo me faria voltar a acreditar no amor.

Minha primeira madrugada naquele refúgio sagrado me fez jurar, antes para mim e depois para a grega Regina e o francês Jérôme, mais os italianos Nicola e Federico, que não diria o nome do lugar nem sob tortura. Estávamos quase sós em uma das pequenas ilhas Cíclades que boiam secas, pálidas e firmes sobre o mar Egeu, protegidas pelas escarpas que escondem as ruelas e as casas caídas de branco e azul com tapetinhos de sereia e barcos de papel pintados no chão torto.

Pela manhã, senhoras de olhares ligeiros e desconfiados descascavam legumes e preparavam o queijo *feta* nas escadas, ao lado de gatos, muitos, vagabundos e mimados com o leite das cabras que correm livres à beira do precipício. Seguimos os passos das cabras, que não pisam em falso jamais, no rastro de seus cocozinhos em forma de bola de gude, em direção às praias quase impróprias para banho, tamanho o pavor de sua imensidão selvagem.

Nadamos nus, submersos da aridez e das farpas alheias, anárquicos em nossa existência com menos sentido e mais sentimento, tostados pelo Sol implacável que não longe de nós assola o Saara e nos faz imaginar como deve ser a vida na Líbia. Abrimos entre as pedras o espaço exato para estirar nossos panos e sacamos da bolsa o cinzeiro, a sacola de uvas e o ramo de *kalamata*, a garrafa de água, o resto de *ouzo* da noite anterior e tocamos a música. Ao som do *bouzouki*, o melancólico bandolim helênico que faz do fado português uma ode à felicidade, troca-

As ilhas Cíclades são lugares secretos no mar Egeu. Elas se mantêm como paraísos quase intactos da Grécia

mos confidências, experiências, vivências, promessas e ideias para mais um segredo feito no apagar das luzes de uma temporada com sabor de odisseia.

Estávamos a salvo, talvez não muito sãos, mas radiantes e deliciosamente fartos de luz e liberdade com prazo de validade. Porque no cair de uma tarde qualquer, sabíamos que chegaria a hora de deixarmos uns aos outros e seguirmos nosso destino incerto rumo à terra firme de uma Europa movediça. Mas, enquanto isolados, promovemos em uma das ilhas gregas a nossa *terra firma*, alheios à sarabanda de turistas, cruzeiros, carros, malas e pacotes de viagem que afundam Mykonos e Santorini, saciando a sede veranista de quem veio ao mundo mais a excursão que a passeio.

Fomos embora na primeira rajada do vento *meltemi*, que sopra forte e desenha nuvens no céu. O nome da praia, da ilha, como chegar, com quem ficar, o que comer, nada será revelado para a preservação de nosso ideal de habitat natural. Pois os nativos, acostumados a invasões desde o surgimento dos deuses olímpicos, merecem a trégua em um de seus últimos refúgios semivirgens, a poucas milhas náuticas de Atenas. No que depender de Hermes, o mensageiro, o astrônomo, protetor da escrita e deus dos andarilhos e dos ladrões, o segredo está a salvo em nome de Zeus. 📍

Inspiradores



THOR HEYERDAHL (1914–2002)

Ele tinha 23 anos, em 1937, quando viajou para o Taiti, na Polinésia Francesa, com a mulher, Liv. Arqueólogo, o norueguês Thor Heyerdahl não acreditou quando lhe disseram que aquele povo moreno teria vindo da Ásia. Preferiu outra explicação, a seu ver mais plausível: a ascendência dos polinésios eram os incas, da América do Sul. Riram dele. Lembraram que os incas navegavam

em barcos rudimentares, e não conseguiriam atravessar o imenso Pacífico. Heyerdahl teve de esperar o final da Segunda Guerra Mundial para provar sua tese. Em 1947, com cinco marujos, partiu num barco de pau-de-balsa, o *Kon-Tiki*, de Callao, no Peru. Foram 101 dias para cumprir penosos 8 mil quilômetros de mar. Enfim, chegou em Raroia, na Polinésia. Se não provou a tese, ao menos reinventou a aventura nos tempos modernos. 📍

WIKIMEDIA COMMONS

Nos arredores do Parque do Povo, 24 prédios têm coberturas à venda.

Você deseja, nós encontramos.
Consulte a Bossa Nova Sotheby's.

Onde duas histórias de sucesso se encontram.

Safra Private Banking.

A segurança de fazer parte de um grupo seleto de investidores. Você acompanhado de perto por um banker de elite e com acesso a produtos de rentabilidade consistente. Exclusividade, solidez e conhecimento ao seu lado.

Daqui pra frente,
invista como um especialista.
Invista Safra.

safra.com.br



Safra

Private
Banking